



ORIENTAÇÕES PARA LÍDERES E SERMONÁRIO



Rumo ao LAR

REVELANDO OS SEGREDOS
DA VITÓRIA FINAL

10 DIAS DE
ORAÇÃO
e 10 horas de jejum

PRIMEIRO DEUS

SUMÁRIO

- Orientações para Líderes 4
- Sermonário 15
- Vencendo o engano 16
- Vencendo em Cristo 22
- Vencendo no Juízo Investigativo 28
- Vencendo no sofrimento 34
- Vencendo as armadilhas de Satanás 40
- Vencendo a ameaça à consciência 46
- Vencendo como Ele venceu 52
- O último convite para vencer 58
- Vencendo dia a dia 64
- Vencedor para sempre 70
- Biografia, Carlos Olivares 76



ORIENTAÇÕES PARA LÍDERES

BEM-VINDO(A) AOS 10 DIAS DE ORAÇÃO 2024!

Diante dos acontecimentos, tragédias e sofrimentos que temos visto, ouvido e vivido, facilmente reconhecemos que o mundo está colapsando. Todas as coisas apontam para o fim, e a vitória final se aproxima para o povo de Deus.

Falta pouco para ouvirmos: “O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. Daquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor” (*O Grande Conflito*, p. 678).

Enquanto esse dia não chega, precisamos manter o foco e seguir nossa caminhada rumo ao lar, como nos aconselha o apóstolo Paulo: “já é hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé” (Romanos 13:11).

Mais do que nunca, hoje é tempo de dobrar os joelhos em dependência de Deus, é tempo de autoavaliação, contrição, confissão, abandono do pecado e renovação da mente; é tempo de nos levantar e pregar que Jesus está chegando.

Em 2024, teremos a oportunidade de pregar com força, distribuindo mais uma vez o livro missionário *O Grande Conflito*. Além do envolvimento com a distribuição e o estudo do livro *O Grande Conflito*, é nosso desejo que, durante os 10 Dias de Oração, você aprofunde sua intimidade com Deus, através da oração, do estudo da revista e de ações diárias para testemunhar de Jesus.

No conteúdo da revista, você encontrará orientações sobre o estilo de vida adventista. Sugerimos que, com oração e reflexão pessoal, o documento seja lido e estudado, primeiro em família e depois na igreja, durante as 10 horas de oração.

Deus continua chamando cada um de nós para o reavivamento e a reforma, porque Ele deseja derramar bênçãos sobre a família, a igreja, a comunidade e o mundo! Você está sendo chamado para liderar este movimento em sua igreja em 2024!

Este guia traz orientações e ideias para que o programa seja realizado em cada congregação, aproveitando bem todos os materiais e encontros, envolvendo todos os departamentos da igreja e levando os membros a uma experiência viva e transformadora.

OBJETIVOS

1. Buscar o reavivamento espiritual e a reforma por meio da oração e do estudo dos capítulos do livro missionário de 2024, *O Grande Conflito*.
2. Com oração, reflexão e aplicação na vida pessoal, estudar as orientações sobre o estilo de vida adventista durante as 10 horas de oração.
3. Orar para alcançar pessoas não adventistas ou afastadas da igreja e oferecer a elas estudos bíblicos.

SOBRE O PROGRAMA

- **Tema: Rumo ao Lar – Revelando os segredos da vitória final**
- **Data: de 22/02 a 02/03/2024**

Sugestão – Verifique o direcionamento de sua união/campo:

- **Primeiro sábado (24/02):** 10 Horas de Jejum e Oração e estudo das orientações sobre o estilo de vida adventista, inseridas nas últimas 4 páginas da revista.
- **Segundo sábado (02/03):** Convite para os cinco amigos de oração e celebração missionária.

FOCO – REAVIVAMENTO

1. **Leitura do livro** *O Grande Conflito*, leitura e estudo das orientações sobre o estilo de vida adventista e busca de interessados para estudos bíblicos.
2. **Semeadura** para a *Semana Santa*.

MATERIAIS

- Música inédita
- Vídeo promocional para os 10 Dias de Oração
- Vídeos auxiliares para o estudo das orientações sobre o estilo de vida adventista durante as 10 horas
- Orientações para líderes
- 10 sermões com seus respectivos PPTs
- Marca-página
- Camiseta

SUGESTÕES PARA OS LÍDERES ORGANIZAREM O PROGRAMA NA IGREJA

O primeiro passo é promover uma reunião entre os líderes para que juntos elaborem o planejamento do programa e distribuam as responsabilidades. Cada líder pode contribuir no planejamento, na organização e na coordenação das atividades, envolvendo diferentes ministérios.

- **Ancionato:** coordenação do planejamento das iniciativas, calendário e ideias a serem aplicadas previamente e durante os 10 dias. Coordenação das programações, envolvendo outros departamentos.
- **Mordomia:** distribuição das revistas para adultos (físicas ou digitais). Coordenação dos cultos na igreja à noite ou de madrugada, durante a semana de 22/02 a 02/03 caso a igreja opte por realizar assim.
- **Ministério da Mulher:** coordenação do programa *10 Horas de Jejum e Oração* e tudo o que envolve o primeiro sábado (24/02). Sugestões: câmara e/ou tenda de oração, refeição com frutas.
- **Ministério Pessoal:** elaboração da lista de interessados da Escola Bíblica Novo Tempo, dos membros afastados, dos visitantes cadastrados e amigos da igreja, que serão o alvo missionário do projeto. Coordenação do programa do sábado (02/03), celebração missionária e *Dia D*, com a entrega de cursos bíblicos.

- **Secretaria:** levantamento e distribuição dos nomes de amigos afastados. Coordenação do programa do dia 02/03 em parceria com o MiPes, caso a igreja tenha optado pela realização do projeto *Reencontro* nesse período.
- **Ministério da Criança e Ministério do Adolescente:** distribuição das revistas *teen* e infantil (físicas ou digitais). Acompanhamento e motivação da leitura ao longo da semana, desafio de orar por cinco amigos e compartilhamento de mensagens nas redes sociais. Contato durante a semana e oferta de estudo bíblico no final.
- **Ministério da Recepção:** escala da equipe para todos os cultos que acontecerão na igreja.
- **Diáconos e diaconisas:** apoio à equipe de recepção e ao Ministério da Mulher no preparo da refeição com frutas e sucos no dia 24/02. Organização da *Ceia do Senhor* no encerramento da programação das *10 Horas de Jejum e Oração*.
- **Música:** elaboração de escala de músicos para os programas da igreja, com louvor congregacional e músicas especiais. Escolha de hinos que combinem com os propósitos do programa.
- **Outros departamentos:** desenvolvimento de iniciativas criativas que priorizem a realidade e as necessidades locais. Sugestões: uso de mídias digitais, programas de oração em espaços públicos, etc.

REVISTAS

Revista adulto: A dinâmica da revista traz uma sequência que apoia e direciona o estudo diário:

1. Textos inspirados da Bíblia
2. Textos do Espírito de Profecia
3. Aplicação para a vida
4. Hora de orar com direcionamento para o momento particular de oração
5. Motivos de oração do dia
6. Dica de atividade missionária para cada dia

Revista teen: A revista *WhatsApp de Deus: Conhecedores do Tempo* aborda o tema de maneira interativa e com linguagem e design voltados para o público adolescente.

Revista infantil: A revista *Primeiro Deus: Os Últimos Capítulos da História* contém textos voltados para crianças, adesivos e atividades que incentivam a leitura. A edição 2024 tem dois modelos:

1. Crianças alfabetizadas: material impresso para leitura e atividades;
2. Crianças não alfabetizadas: conteúdo digital com acesso por meio do QR Code disponibilizado na revista infantil física. Essa edição traz atividades próprias para a idade e a possibilidade de pais e professores fazerem a impressão.

PROGRAMA

O programa dos *10 Dias de Oração* pode acontecer na igreja, com a realização de cultos de madrugada ou à noite. Para as igrejas que optarem por essa estratégia, foram preparados dez sermões com os respectivos PPTs.

As 10 Horas de Jejum e Oração são coordenadas pelo Ministério da Mulher, com a participação de todos os departamentos. Para esse sábado, podem ser preparadas tendas de oração para a comunidade, câmaras de oração para a igreja, chamadas ou mensagens para os cinco amigos que foram escolhidos para intercessão, jejum frugal para idosos ou pessoas com necessidades especiais. Anexo, este guia traz uma sugestão para a programação.

Para o *Dia D* do estudo bíblico (2 de março), deve ser organizada uma celebração missionária, para a qual os interessados ou membros afastados devem ser convidados. Se for no sábado pela manhã, o programa deve ser especial desde a recepção, incluindo uma linda Escola Sabatina, uma música especial e um sermão inspirador. O efeito é ainda melhor se a igreja organizar um almoço para os convidados ou incentivar que os membros levem os convidados para almoçar em casa. O programa para os interessados também pode acontecer na parte da tarde. Aproveite este dia para desafiar os membros a oferecerem estudos bíblicos já pensando na *Semana Santa*.

O QUE VOCÊ PRECISA SABER PARA ENSINAR A IGREJA

Jejum

Começar o ano com jejum e oração é uma maneira maravilhosa de dedicar a vida a Deus. Ellen White diz: “Agora e daqui por diante até ao fim do tempo, deve o povo de Deus ser mais fervoroso, mais desperto, não confiando em sua própria sabedoria, mas na sabedoria de seu Líder. Devem pôr de parte dias de jejum e oração. Pode não ser requerida a completa abstinência de alimento, mas devem comer moderadamente, do alimento mais simples” (*Conselhos sobre o Regime Alimentar*, p. 188).

O jejum não é uma maneira rápida de obter um milagre de Deus nem um sacrifício para obter de Deus algo em troca. O jejum significa a consagração para que o Senhor opere em nós e por meio de nós.

O Espírito Santo

É importante pedir que o Espírito Santo mostre o motivo pelo qual cada um deve orar. A Bíblia diz que não sabemos pelo que orar e que o Espírito Santo é quem intercede por nós. “Precisamos não só pedir em nome de Cristo, mas também pela inspiração do Espírito Santo. Isto explica o que significa o dito de que: ‘O mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis’ (Rm 8:26). Tais orações Deus Se deleita em atender. Quando proferirmos uma oração com fervor e intensidade no nome de Cristo, há nessa mesma intensidade o Senhor de Deus de que Ele está prestes a atender à nossa súplica ‘muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos’ (Ef 3:20)” (*Parábolas de Jesus*, p. 72).

A fé

No livro *A Ciência do Bom Viver*, página 509, está escrito que “a oração e a fé farão o que nenhum poder da Terra conseguirá realizar”. Também pode ser lido no livro *Educação*, página 258, que se pode pedir “qualquer dom que Ele haja prometido; então devemos crer que recebemos, e agradecer a Deus por havermos recebido”. Portanto, é importante criar o hábito de agradecer a Deus antecipadamente, por meio da fé, pelo que Ele fará e pela forma como Ele responderá às orações.

Oração pelos outros

Cada um deve ser motivado a tirar algum tempo para perguntar a Deus por quem deveria orar; também é imprescindível pedir a Deus a dádiva do verdadeiro amor para trabalhar pela salvação dessas pessoas. Todos devem escolher cinco pessoas – podem ser parentes, amigos, colegas de trabalho, vizinhos ou simplesmente conhecidos – e a lista com os nomes deve ser mantida em um lugar sempre visível, como a Bíblia, por exemplo. Durante os 10 dias, cada um é encorajado a orar consistentemente por essas pessoas. Esse é um exercício cujo resultado costuma deixar todos maravilhados com a maneira como Deus trabalha em resposta às orações.

Diário:

Ter um diário durante os 10 Dias de Oração pode ajudar os participantes a internalizar o tema da oração do dia, assumir compromissos concretos com Deus e reconhecer as bênçãos. Escrever as orações e manter um registro das respostas de Deus é um caminho certo para o encorajamento.

Se for viável durante o culto de oração, pode ser separado um tempo para que as pessoas escrevam em seus diários pessoais as respostas de Deus. Outra sugestão é um diário em grupo para pedidos e respostas de oração, seja em um caderno, um cartaz ou no ambiente virtual. É emocionante e edificante olhar para trás e ver como Deus respondeu às orações.

Reverência

A oração promove a aproximação da sala do trono do Rei do Universo. Esse momento não pode ser tratado de forma descuidada, mas deve ser reverente. No entanto, não é necessário que todo mundo se ajoelhe continuamente. Queremos que as pessoas se sintam confortáveis por uma hora. Por isso, encoraje-as a se ajoelhar, a se sentar ou ficar de pé, da maneira que se sentirem mais confortáveis.

Pedidos

Em vez de expor os pedidos de oração em grupo, é melhor encorajar as pessoas a se unirem em compromisso e oração pelos pedidos. E aqui está a razão: tempo! Falar sobre os pedidos tomará a

maior parte do tempo de oração, e Satanás ficará encantado se ele conseguir nos manter falando sobre os problemas em vez de orar clamando a Deus por solução. Além disso, a abertura para contar os problemas, naturalmente, leva os participantes a darem conselhos e sugestões. Porém, o poder e a solução vêm do Senhor. Quanto mais oramos, mais poder Ele libera.

“Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como vigias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incidiu a maravilhosa luz da Palavra de Deus. Foram incumbidos de uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas” (*Testemunhos para a Igreja*, v. 9, p. 19).

Continuidade

Após os *10 Dias de Oração e 10 Horas de Jejum*, todos podem e devem continuar com a jornada espiritual diária, com orações e o estudo da Lição da Escola Sabatina. O contato e os estudos bíblicos com os interessados também devem continuar até o evangelismo da *Semana Santa*. É muito produtivo buscar maneiras de servir à comunidade, sempre oferecendo a ela o estudo da Bíblia.

10 HORAS DE ORAÇÃO E JEJUM

- Estudar as orientações sobre o estilo de vida adventista em três momentos na parte da tarde. Veja as sugestões no programa abaixo;
- Vídeos e testemunhos de apoio;
- Leitura, diálogo e oração pelos temas estudados;
- Câmara e/ou tenda de oração;
- *Ceia do Senhor*;
- Ações de oração em favor dos necessitados nos hospitais, asilos, penitenciárias, abrigos, comunidades carentes, etc.

PROGRAMA SUGESTIVO PARA AS 10 HORAS DE ORAÇÃO E JEJUM

Sábado 24/02/2023

- Recepção acolhedora
- 8h – Boas-vindas
- Oração inicial
- Momento de louvor (escolher hinos que falem sobre oração, tempo do fim e missão)
- 8h20 – Momento de oração em duplas. Motivo: Batismo do Espírito Santo (fundo musical)
- 8h30 – Reflexão: *As Boas-Novas do Yom Kippur*. Material de apoio: <https://estudosadventistas.com.br/as-boas-novas-do-yom-kippur>
- 8h50 – Mensagem musical
- 8h55 – Oração
- 9h – Escola Sabatina (lançar o projeto de Oração Intercessora nas unidades de ação). Cada membro orando por cinco amigos, com o objetivo de oferecer estudos bíblicos (membros afastados, alunos da escola bíblica, amigos cadastrados na recepção, amigos da igreja, vizinhos e familiares). Usar o marca-página sugerido para escrever os nomes dos amigos.
- 10h10 – Momento de oração individual (cada um ora pelos 5 nomes escolhidos)
- 10h20 – Momento da comunicação
- 10h30 – Momento de louvor
- 10h40 – Culto divino
- Momento da oração intercessora. Motivo: orar pelos amigos que estão afastados da igreja (reforçar o desafio de orar por 5 amigos).
- **Sermão: *Vencendo no Juízo Investigativo*.**
- 12h – Almoço: sucos e frutas (para quem está fazendo jejum frugal)
- 13h30 – Louvor congregacional

- 13h40 – Vídeo de apoio, estudo e diálogo das orientações sobre o estilo de vida adventista. Parte 1, páginas 36 e 37 da revista dos **10 Dias** até o tópico *Vida de Santificação*.
- 14h05 – Momento de oração: orar pela celebração missionária do sábado 02/03 e pelos tópicos estudados.
- 14h10 – Testemunho de entrega e transformação da vida. Vídeo sugestivo.
- 14h20 – Vídeo de apoio, estudo e diálogo das orientações sobre o estilo de vida adventista. Parte 2, páginas 37 e 38 até o tópico *Vestuário e joias*.
- 14h45 – Momento de oração: orar pelos tópicos estudados.
- 14h50 – Mensagem musical
- 14h55 – Vídeo de apoio, estudo e diálogo das orientações sobre o estilo de vida adventista. Parte 3, páginas 39 e 40.
- 15h20 – Momento de oração: orar pelos tópicos estudados.
- 15h25 – Louvor congregacional (Renova, Vaso Novo, Vem Espírito Santo)
- 15h30 – *Call center*: ligar ou enviar mensagens para os 5 amigos escolhidos, familiares, membros afastados ou vizinhos e dizer que está orando por eles.
- 15h45 – Momento de promoção dos desafios missionários diários dos **10 Dias de Oração**
- 16h05 – Testemunhos de pessoas que leram e foram alcançadas pelo livro *O Grande Conflito*, ou alguém que retornou para a igreja, ou foi alcançado como resultado dos **10 Dias de Oração**.
- 16h20 – *Ceia do Senhor* ou ações de oração em favor dos necessitados nos hospitais, asilos, penitenciárias, abrigos, comunidades carentes, etc.
- 18h – Encerramento das **10 Horas de Jejum e Oração**

**Envolver todos os departamentos da igreja,
distribuindo os horários e as atividades.**

SERMONÁRIO



TÍTULO: **VENCENDO O ENGANO**

Texto bíblico:

“Então se retiraram para preparar óleos aromáticos e perfumes. E, no sábado, descansaram, segundo o mandamento” (Lucas 23:56).

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade que muda constantemente. Não faz muitos anos que líamos as notícias no jornal e usávamos o celular apenas para fazer ligações. Essas mudanças continuam e continuarão acontecendo. Não há dúvida disso. No entanto, não podemos dizer o mesmo da lei de Deus. Nem podemos afirmar que Deus substituiu o sábado pelo domingo como o novo dia de repouso.

Apesar de Jesus nunca ter afirmado que mudou a lei (Mt 5:17,18), algumas pessoas argumentam que a mudança do dia de descanso ocorreu tacitamente no momento de Sua ressurreição. O problema que envolve acreditar nisso é que nem Jesus nem os escritores do Novo Testamento afirmaram isso. Muito pelo contrário, ao examinar o relato da ressurreição, podemos dizer que Jesus guardou o sábado, e Seus seguidores fizeram o mesmo. Embora Mateus, Marcos e João descrevam o evento da ressurreição, nosso estudo estará centrado majoritariamente em Lucas 23:50-24:10.

O DIA DA PREPARAÇÃO (Lc 23:50-54)

Lucas informa que entre as testemunhas que contemplaram a morte de Jesus estavam "todos os conhecidos de Jesus e as mulheres que o tinham seguido desde a Galileia" (Lc 23:49). É possível que um desses tenha sido José de Arimateia, que não apenas era um homem bom e justo, mas que, além disso, não concordava com a crucifixão de Jesus (Lc 23:50,51). José era membro do Concílio, ou seja, do Sinédrio, e paralelamente era um discípulo de Jesus (Jo 19:38). Foi José quem pediu o corpo de Jesus a Pilatos e quem "o depositou num túmulo aberto numa rocha, onde ninguém havia sido sepultado ainda" (Lc 23:53).

Lucas indica que era o “dia da preparação” e que o sábado estava quase começando (Lc 23:54). O “dia da preparação” é uma referência à sexta-feira (Mc 15:42), e o fato de que José se apressou em pedir o corpo de Jesus, para depois depositá-lo em um túmulo, indica que ele continuava guardando o sábado como o dia de repouso. Isso é importante porque, se José era um discípulo de Jesus (Jo 19:38), é válido perguntar por que Jesus não lhe disse que o dia de repouso havia mudado. Ou seja, se Jesus realmente tinha a intenção de mudar o sábado pelo domingo, Ele não apenas preveria Sua morte, algo que Jesus anunciou em mais de uma oportunidade (Lc 9:22, 43-44; 18:31-33), mas teria proclamado que Ele respaldaria tal mudança. E que melhor maneira de fazer isso do que contar aos discípulos? No entanto, o comportamento de José demonstra o contrário, pois descreve a ação de um homem preocupado em não quebrar o sábado.

Isso nos ensina que, para os discípulos de Jesus, a lei era imutável e que eles respeitaram sua observância, inclusive na ocasião da morte de Jesus. Eles teriam aprendido isso com Jesus, que, segundo Lucas, assim como lemos em outros evangelhos, interpretou o sábado em termos de serviço, enfatizando a importância de fazer o bem nesse dia (Lc 6:6-11; 13:10-17; 14:1-6). Contudo, Jesus nunca ataca o sábado. O que Ele critica, como Senhor do sábado (Lc 6:5), é o legalismo hipócrita que usurpou seu sentido bíblico (Lc 14:1-6).

AS MULHERES, O BÁLSAMO E O SÁBADO

(Lc 23:55-56)

As mulheres que haviam vindo com Jesus desde a Galileia e que, como vimos anteriormente, foram testemunhas de Sua morte (Lc 23:49) seguiram José e viram o lugar em que Jesus havia sido sepultado (Lc 23:55). Lucas diz que elas compraram especiarias aromáticas e perfumes e depois descansaram no dia de repouso (Lc 23:56). Vale a pena ressaltar que Lucas acrescenta que elas realizaram isso conforme o mandamento (Lc 23:56), uma expressão que nos remete à observância do decálogo.

Em Lucas, o termo mandamento, além da menção que o vincula a essas mulheres (Lc 23:56), ocorre três vezes (Lc 1:6; 15:29; 18:20) e, em duas delas, aponta para a lei de Deus. Primeiro, Zacarias e Isabel, os pais de João Batista, “eram justos diante de Deus, vivendo de forma irrepreensível em todos os preceitos e **mandamentos** do Senhor” (Lc 1:6, ênfase acrescentada). Em segundo lugar, quando certo homem

importante perguntou a Jesus o que devia fazer para herdar a vida eterna, Jesus respondeu enumerando cinco dos dez mandamentos (Lc 18:18-20). Tanto no exemplo dos pais de João Batista quanto na resposta de Jesus ao líder judeu, a palavra "mandamento" está relacionada com o decálogo e com os preceitos que ele contém são importantes e devem ser observados.

O que foi dito acima significa que, quando Lucas nos diz que as mulheres descansaram no sábado, elas estavam agindo de maneira justa e irrepreensível, imitando a ação de Zacarias e Isabel. No entanto, o comportamento justo que elas tiveram não estava vinculado unicamente com o decálogo, em geral, mas, em particular, com o quarto mandamento. Ou seja, o sábado (Êx 20:8-11; Dt 5:12-15).

Assim como José de Arimateia se preocupou em não quebrar o preceito bíblico do sábado, essas mulheres não foram imediatamente ao sepulcro para unguir o corpo de Jesus (Mc 16:1), mas decidiram obedecer ao mandamento do sábado (Lc 23:56-24:1). Isso nos indica que essas mulheres, assim como notamos no caso de José de Arimateia, nunca ouviram Jesus ensinando que o sábado havia sido abolido. Inclusive, podemos afirmar que elas também não escutaram que Jesus anularia a observância sabática, ou que futuramente Ele revogaria sua validade no momento de Sua morte ou por ocasião de Sua ressurreição. Se esse tivesse sido o caso, elas e José de Arimateia não ficariam preocupados em cumprir o mandamento do sábado.

Jesus claramente observou o sábado, e em Lucas encontramos vários exemplos ilustrando a opinião que Jesus tinha sobre esse dia. Por exemplo, ao começar Seu ministério, Jesus visitou a cidade onde havia crescido, Nazaré; e, de acordo com o que Ele estava acostumado a fazer, entrou em uma sinagoga no sábado (Lc 6:4). O fato de Lucas associar o que Jesus fazia no sábado com a palavra "costume" nos indica que a observância sabática era uma questão habitual na vida de Jesus. Isso fica em evidência ao notar como Lucas descreve Jesus ensinando e ministrando nas sinagogas no sábado (Lc 4:31; 6:6; 13:10). Em Lucas, assim como no restante do Novo Testamento, não encontramos evidência de que Jesus havia instruído Seus discípulos, ou as audiências a quem Ele ministrava, de que Ele pensava em abolir o sábado em algum momento no futuro. Como notamos, embora Jesus censurasse a observância errada do sábado, Suas críticas buscavam interpretar o que o sábado significa biblicamente, e não que ele chegaria ao fim por causa de Sua morte.

O sábado, observado a partir da perspectiva correta, é uma bênção e um lembrete de que a restauração deste mundo caído está próxima. Jesus não apenas ensinava no sábado, mas também buscava o bem das pessoas. Jesus curou homens e mulheres que sofriam, e foi no sábado que foram libertos (Lc 6:6-11; 14:1-6). Isso nos ensina que, para Jesus, o sábado representa a renovação futura, servindo como uma reminiscência constante de que Ele é o criador e restaurador deste mundo e de que muito em breve descansaremos com Ele pelos séculos dos séculos. Assim, ao observar o sábado, anunciamos que Deus é nosso criador e que Ele é nossa única esperança em um mundo que está à deriva.

O PRIMEIRO DIA DA SEMANA (Lc 24:1-10)

Foi no primeiro dia da semana, ou seja, no domingo, que as mulheres finalmente foram ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus (Lc 24:1). Ao contrário do sábado, o domingo, assim como a sexta-feira, não tem um nome específico nem em Lucas, nem na Bíblia. Como vimos, a sexta-feira é chamada de dia da preparação (Lc 23:54; Mt 27:62), ou véspera do sábado (Mc 15:42); e o domingo, o primeiro dia (Lc 24:1). Deste modo, o dia em torno do qual todos os outros dias têm significado é o sétimo dia, pois é o único dia que Deus abençoou (Gn 2:1-3).

Para surpresa das mulheres, a pedra que protegia a entrada do sepulcro havia sido removida (Mt 28:1-2; Mc 16:1-4). Portanto, ao entrarem, não acharam o corpo de Jesus (Lc 24:2,3). A tumba vazia as deixou perplexas; e assim espantadas notaram que havia dois homens com roupas resplandecentes parados em frente delas (Lc 24:4). A presença desses homens, que no relato podem ser identificados como anjos (Mt 28:5,6), fez com que essas mulheres, com medo, inclinassem seus rostos no chão (Lc 24:5). No entanto, os anjos as encorajaram com uma mensagem que haveria de mudar completamente o mundo: Jesus ressuscitou (Lc 24:5,6).

As palavras dos anjos, como eles mesmos afirmam, são simplesmente o cumprimento do que Jesus anunciou aos Seus discípulos em mais de uma oportunidade (Lc 9:22, 43,44; 18:31-33): "É necessário que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de pecadores, seja crucificado e ressuscite no terceiro dia" (24:7). Perceba que a mensagem não fala em nenhum momento que o sábado está sendo

abolido ou que a ressurreição de Jesus é um símbolo de uma nova era em termos de como devemos entender o decálogo. O foco da comissão angélica é que a promessa da ressurreição foi concretizada e a boa-nova foi cumprida em Jesus.

Também é fundamental notar que na cena os anjos dizem às mulheres: "Lembrem-se do que ele falou para vocês, estando ainda na Galileia" (Lc 24:6). Ao dizer "lembrem-se", os anjos declaram que essas mulheres, junto com os discípulos, também eram parte do corpo de seguidores de Jesus. Da mesma forma, o fato de que os anjos mencionam a região da Galileia nos indica quem eram elas. A propósito, é somente Lucas que conta que os que acompanhavam Jesus não eram apenas os doze, mas também "algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes; Suzana e muitas outras, as quais, com os seus bens, ajudavam Jesus e os seus discípulos" (Lc 8:2,3).

Essa informação está de acordo com o que indica o próprio Lucas, que, quase no final do relato da crucifixão, revela os nomes de algumas delas: Maria Madalena, Joana e Maria, que era a mãe de Tiago (Lc 24:10). É interessante notar que Lucas também diz que havia outras mulheres com elas, cujos nomes ele omite (Lc 24:10). Isso implica que não foram apenas três pessoas que informaram os discípulos que a tumba estava vazia e que Jesus havia ressuscitado, mas um grupo maior composto por aquelas mulheres que haviam vindo com Ele da Galileia (Lc 23:55-24:1).

Ao escutar a mensagem dos anjos, Lucas diz que elas se lembraram das palavras de Jesus (Lc 24:8). Ou seja, elas também foram instruídas por Ele, que, quebrando os estereótipos da época, permitiu que as mulheres O seguissem e escutassem Seus ensinamentos. Um desses casos é o de Maria, irmã de Marta, "que, assentada aos pés do Senhor, ouvia o seu ensino" (Lc 10:39). Ao fazer isso, ela teria escolhido a melhor parte, que não lhe seria tirada (Lc 10:42).

Se assumimos que essa Maria é a mesma Maria Madalena, da qual haviam saído sete demônios (Lc 8:2), ela teria escutado da parte de Jesus não apenas a profecia de Sua morte, mas também outros tipos de ensinamentos. Dessa maneira, se Jesus tivesse tido a intenção de mudar o sábado para o domingo, ela, junto com as outras mulheres, teria essa instrução em mente e não teria descansado de seus trabalhos no sábado. Por outro lado, é possível que alguém argumente que talvez Je-

sus tenha instruído secretamente Seus discípulos sobre a abolição do sábado. Esse questionamento pode ser respondido de dois ângulos.

Primeiro, no evangelho de João, é o próprio Jesus que afirma não ter dito nada de maneira oculta, pelo que convida Seus interrogadores a perguntar publicamente àqueles que ouviram Sua mensagem o que Ele lhes disse (Jo 18:20-21). Embora seja verdade que há casos em que Jesus instrui Seus discípulos em particular, em nenhum desses casos Jesus invalida a lei e, mais especificamente, o sábado (Lc 8:9-18; Mt 13:10,17; Mc 4:10-12). Em segundo lugar, mesmo assumindo hipoteticamente o caso de Jesus ter revelado aos Seus discípulos algum tipo de mudança no decálogo, o comportamento de José e das mulheres nos diz o contrário. Tanto José quanto as discípulas de Jesus guardaram o sábado de acordo com o mandamento, o qual claramente estabelece que Jesus nunca lhes ensinou sobre a invalidez ou algum tipo de mudança que ocorreria com o dia de repouso.

CONCLUSÃO

Mesmo que o mundo e seus costumes mudem, a observância do sábado continua imutável. Jesus não substituiu o sábado pelo domingo. Se fosse esse o caso, Lucas teria registrado algum discurso em que Jesus tivesse dito isso. Ao mesmo tempo, se Jesus tivesse comunicado secretamente aos Seus discípulos que o sábado seria abolido por ocasião de Sua morte, o comportamento de José de Arimateia e das mulheres teria sido diferente. Ao contrário, ambos os grupos demonstram em suas ações ser fiéis na observância do dia de descanso. Portanto, ao ler Lucas e o Novo Testamento, notamos que o sábado não foi abolido e continua sendo a lembrança perpétua de que somos Suas criaturas.

CONVITE

Em um mundo mutável, o sábado nos lembra que a lei de Deus, o reflexo de Seu caráter, não muda. Isso inclui o sábado, o quarto mandamento do decálogo. O sábado é um convite que o Senhor nos faz para lembrarmos que fomos criados por Ele e que a restauração de todas as coisas está próxima. Convido você para orar, para que aos sábados proclamemos o poder de Deus e, ao descansar, reconheçamos que, como seres humanos, precisamos de Sua graça para continuar existindo.

TÍTULO: **VENCENDO EM CRISTO**

Texto bíblico:

“Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta”
(Tg 2:17).

INTRODUÇÃO

Algumas pessoas plantaram a ideia de que a Bíblia é um livro cheio de contradições. Aqueles que expressam isso tentam demonstrar que não existe harmonia doutrinária e temática entre o Antigo e o Novo Testamento. Essa incoerência também estaria presente entre alguns escritores bíblicos que ensinam algum tipo de crença que, em teoria, é refutada por outro autor que diz algo completamente diferente.

Um dos exemplos mais conhecidos é conceituar que existe uma discordância doutrinária entre Paulo e Tiago. Enquanto o primeiro promulga que o ser humano é justificado pela fé sem as obras da lei (Rm 1:17; 3:28; Gl 2:16; Ef 2:8,9), o segundo afirma que "uma pessoa é justificada pelas obras e não somente pela fé" (Tg 2:24). No entanto, essa não é uma contradição, nem reflete algum tipo de desarmonia bíblica. Para demonstrar isso, hoje estudaremos como a carta de Tiago articula o significado da fé (Tg 2:14-26), e a relação que ela tem com o conceito proposto por Paulo.

UMA FÉ MORTA É UMA FÉ INSENSÍVEL (Tg 2:14-17)

Tiago, que se apresenta como servo de Deus e Jesus (Tg 1:1), estrutura sua argumentação a partir de uma série de perguntas retóricas que buscam levar os leitores que lerão a carta a refletir sobre o significado da fé. O público que ouviu a leitura da epístola há dois mil anos não difere muito, em termos eclesiásticos, da nossa vida. Em outras palavras, as questões práticas que Tiago traz à tona em seu argumento refletem problemáticas semelhantes às que experimentamos hoje em nossas igrejas, lares e relacionamentos diários.

Tiago inicia seu raciocínio questionando a fé de seus ouvintes. De que serve, pergunta Tiago, alguém dizer que tem fé e não ter obras? Será que esse tipo de fé pode salvá-lo? (Tg 2:14). A preocupação de Tiago é com o comportamento de um crente que aparentemente afirma que, para ele, o valor da fé está na matriz intelectual que lhe permitiu crer e aceitar a salvação divina. No entanto, para Tiago, a fé não tem apenas um caráter teórico. Em termos bíblicos, Tiago compreende a proclamação de quem serve.

Para ilustrar o que significa ter fé, Tiago conta a história de uma pessoa que não tem com que se vestir e carece do alimento diário (Tg 2:15). É difícil determinar se o relato é real ou fictício, ainda que tenhamos evidências para afirmar que esse era um problema comum no primeiro século, como continua sendo hoje. Um escrito do Novo Testamento que atesta sobre esse problema é a primeira epístola de João, que foi composta vários anos depois da carta de Tiago. Aqui João se pergunta como o amor de Deus pode habitar em uma pessoa que possui bens materiais, enquanto vê que seu irmão está passando algum tipo de necessidade e não sente o desejo de ajudá-lo (1 João 3:17).

Para espanto e vergonha de seus ouvintes, Tiago relata a reação do crente que tem uma fé sem obras, ao ver uma pessoa que está nua e com fome. A Nova Versão Internacional traduz de uma maneira clara e moderna essa expressão, contextualizando o que um crente do século 21, alguém como você e como eu, poderia ter dito dois mil anos atrás: “Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se” (Tg 2:16). A locução, que é irrisória e triste, exemplifica quão desnecessárias são as palavras nos momentos em que se espera ação.

O que o suposto crente diz, não há dúvida alguma, não é nada hipotético, pois parece descrever o que muitos de nós poderíamos em algum momento ter dito àquele que sofre. Assim, enquanto João questiona até que ponto o amor de Deus pode habitar em uma pessoa que fecha seu coração contra o próximo, (1 Juan 3:17), Tiago responde que é porque a sua fé está morta (Tg 2:17). É uma fé morta, porque é uma fé insensível. Ou seja, é uma fé egoísta, cujo único sentimento é direcionado a si mesmo, esquecendo-se de que uma fé viva consiste em uma fé que tem consideração e age quando o outro sofre.

UMA FÉ SEM OBRAS É UMA FÉ SATÂNICA (Tg 2:18-19)

Tiago, prevendo algum tipo de objeção, imagina alguém contrapondo seu argumento e procurando refutar o que ele havia afirmado anteriormente sobre a inutilidade de uma fé morta. O oponente refuta a tese de Tiago dizendo: “Você tem fé, e eu tenho obras. Mostre-me essa sua fé sem as obras, e eu, com as obras, lhe mostrarei a minha fé” (Tg 2:18). Mas esse tipo de premissa é impreciso, pois procura separar a fé das obras.

É claro que o principal problema desse contra-argumento consiste em agrupar individualmente a fé e as obras e criar uma desconexão entre ambas. A fé não pode viver sem obras, mesmo que seja uma fé sincera que adora a Deus de todo o coração. Ao mesmo tempo, as obras, por si sós, não podem agir sem fé, pois o importante não é apenas servir aos outros, mas realizar esse serviço em nome do Deus verdadeiro que amamos e cremos. Em outras palavras, para Tiago, a fé e as obras devem conviver juntas na vida do cristão, pois sua separação na vida prática implica em exterminar uma ou outra.

Para Tiago, compreender a importância dessa união é essencial, e é por essa razão que ele novamente antecipa a objeção que algum interlocutor imaginário que contestaria que Deus é um, e por isso, a fé é uma questão intelectual (Tg 2:19). Muito bem, dirá Tiago, o que foi afirmado é teológica e doutrinariamente correto, embora eu deva acrescentar que os demônios acreditam nas mesmas coisas que nós e tremem de medo, e não é por essa razão que eles serão salvos (Tg 2:19). O raciocínio é simples e lógico. Os demônios serão destruídos porque seus atos não estão em sintonia com a crença que professam.

João nos recorda em seu evangelho que o diabo “foi assassino desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8:44). É significativo enfatizar que os demônios que o acompanharam em sua queda (Ap 12:7-9) o imitam e ensinam doutrinas equivocadas (1Tm 4:1), impedindo que outros aceitem a verdade de Sua Palavra. Visto dessa forma, embora o diabo e seus seguidores conheçam Deus e saibam o que Ele deseja para Seus filhos, eles trabalham de uma forma que contradiz a von-

tade divina. Em outras palavras, não importa quanto saibamos da Bíblia. Se não colocarmos em prática aquilo que aprendemos, nossa fé será certamente inútil.

Isso significa que uma fé morta é um tipo de fé satânica. Ou seja, é uma fé que imita as ações dos demônios, que intelectualmente estão convencidos da existência de Deus e conhecem em primeira mão o poder divino, mas agem de forma egoísta e destrutiva. Embora vivamos em um mundo que é inerentemente corrupto e egocêntrico, o evangelho de Cristo nos convida a viver para o outro e a proclamar a fé na qual acreditamos em atos concretos e vivos (Mt 5:16; 25:35-40).

Tiago nos diz que a religião pura e sem contaminação consiste em refrear nossa língua (Tg 1:26; 3:1-12) e em “visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se incontaminado do mundo” (Tg1:27). Todas essas ações compõem uma vida religiosa que exhibe uma vida prática, que Deus espera que Seus filhos e filhas vivam a fim de glorificar Seu nome (Ef 2:10).

UMA FÉ VIVA É UMA FÉ COM OBRAS (Tg 2:20-26)

Para exemplificar novamente quão valioso é reconhecer que a fé sem obras de um crente está morta (Tg 2:20), Tiago citará duas histórias tiradas do Antigo Testamento. Na primeira, Tiago lembra ao público o caso de Abraão, que demonstrou que acreditava e confiava em Deus ao oferecer seu filho Isaque no altar (Tg 2:21). A fé de Abraão, Tiago afirma, atuava juntamente com suas obras, demonstrando-a com fatos (Tg 2:22). De fato, foi por causa dessas obras que a fé de Abraão foi aperfeiçoada (Tg 2:22).

Na opinião de Tiago, como consequência desse ato de fé, a Escritura foi cumprida, afirmando que: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi atribuído para justiça” (Tg 2:23). O agir de Abraão é uma manifestação de sua obediência a Deus; um ato intelectual que o levou a submeter sua vida ao Senhor e a oferecer seu filho em sacrifício (Tg 2:21,22). Nesse sentido, Abraão não acreditou como os demônios, que acreditam em Deus, mas não cumprem Sua vontade (Tg 2:19). Essa é a razão pela qual, quando Abraão creu, Deus o aceitou como justo (Tg 2:23), pois ele posicionou sua vida em total submissão a Deus.

Essa é a fé que Tiago tem em mente ao declarar que a fé, sem obras, está morta (Tg 2:17). O que explica o próximo versículo, que indica que é por isso que “uma pessoa é justificada pelas obras e não somente pela fé” (Tg 2:24). Essa frase parece estar em oposição com o que Paulo afirma em Romanos, por exemplo, onde ele explicitamente declara que “o ser humano é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3:28; ver também Rm 1:17; Gl 2:16; Ef 2:8.9).

O que parece ser uma contradição doutrinária e teológica não o é. Pois enquanto Paulo se concentra no ato mental de crer e em nossa união espiritual com Cristo, Tiago está preocupado em realçar como demonstramos de maneira prática que temos essa fé que anunciamos. A palavra “justificar”, além disso, tem em Tiago uma conotação diferente daquela que Paulo dá a ela em suas cartas. Em Tiago, o foco da palavra “justificar” está na sentença da salvação que Deus dará em favor de Seus filhos no tempo do fim. Isso implica que o julgamento divino levará em consideração as ações realizadas por causa da verdadeira fé que os crentes afirmam ter e que eles demonstraram por meio de suas ações (Mt 7:16-21; Lc 3:8-9; 6:43-44; Ap 14:13; 20:12-13). Por isso, Tiago não tem a intenção de pregar um evangelho distinto, promovendo assim um tipo de salvação pelas obras. Muito pelo contrário, o que Tiago quer colocar em evidência é que uma vida em Cristo é uma vida transformada; e essa vida necessita estar em harmonia com a vontade divina, agindo de forma prática ao manifestar sua obediência a Deus.

A fim de reafirmar ainda mais sua argumentação, Tiago cita como exemplo final a história de Raabe, a prostituta (Tg 2:25). Raabe, lembra Tiago, foi justificada pelas obras quando recebeu os espias em sua casa. Ela, em virtude do que a Escritura diz, primeiro os protegeu e depois os ajudou a escapar por outro caminho (Tg 2:25; Js 2:1-21). Ao fazer isso, Raabe evidenciou uma fé em ação, o que torna evidente aquilo em que se acredita. Para Tiago, essa fé deve ser refletida na vida de todo aquele que segue a Cristo.

Caso isso aconteça, Tiago ilustra metaforicamente o resultado de uma fé sem obras. Para ele, “assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tg 2:26). Esse versículo não deve ser entendido como uma alusão à imortalidade da alma, e que Tiago acredita que o ser humano é composto de uma alma e um corpo. Isso significaria que, hipoteticamente para Tiago, a morte de

uma pessoa é o resultado da separação desses dois elementos. Tiago não tem isso em mente de forma alguma. A chave para interpretar a passagem é notar que, nesse contexto, o significado da palavra "espírito" é "fôlego". Isso implica que, assim como um corpo sem o fôlego da vida está morto, também uma fé que não tem fatos é como um cadáver apodrecendo no cemitério.

Tiago vai nos dizer que a esperança compreende não apenas ser ouvintes da mensagem divina, mas igualmente obedecê-la e colocá-la em prática (Tg 1:22). Aquele que ouve o evangelho sem fazer o que é dito é como aquele que se olha no espelho e depois vai embora e esquece quão mal que estava (Tg 1:23,24). Por essa razão, Tiago nos aconselha a meditar incansavelmente na perfeita lei da liberdade e perseverar nela, “não sendo ouvinte que logo se esquece, mas operoso praticante” (Tg 1:25).

CONCLUSÃO

Não existem contradições no texto bíblico, muito menos desarmonia doutrinária entre o pensamento de Paulo e Tiago. Paulo tem em mente a fé que opera em benefício da salvação do ser humano, enquanto Tiago se refere à demonstração da fé. Tiago nos diz que a fé pode ser uma fé morta e até satânica. E isso ocorre quando nos tornamos insensíveis com nosso próximo, ou desobedecemos à vontade de Deus. Por essa razão, a fé deve deixar evidente que somos seguidores do Mestre, e, para que isso seja uma realidade, nosso comportamento deve estar em concordância com a revelação divina.

CONVITE

Embora a fé seja um sentimento para alguns, ou simplesmente uma aceitação mental, para o crente ela envolve experimentar uma vida de obediência. É por meio dessa fé viva que nossas ações pregam com uma força maior e mais convincente a um mundo que não apenas espera escutar teorias teológicas, mas também ver como a fé do evangelho nos transformou de uma maneira prática. O Senhor nos convida a cada dia a crescer na fé e a amar, como João diz, não “da boca para fora, mas de fato e de verdade” (1Jo 3:18).

TÍTULO:

VENCENDO NO JUÍZO INVESTIGATIVO

Texto bíblico:

“Portanto, não julguem nada antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações. E então cada um receberá o seu louvor da parte de Deus” (1Co 4:5).

INTRODUÇÃO

No juízo investigativo, também conhecido como pré-advento, o crente é julgado diante dos seres celestiais com base no conteúdo dos livros que são abertos antes da segunda vinda de Jesus (Dn 7:9-14). Esses livros contêm o nome e a memória da vida dos crentes, que, embora não estejam presentes fisicamente diante do trono, são julgados a partir desses registros (Sl 69:28; Dn 12:1; Ml 3:16; Ap 3:5). É óbvio que esse juízo pré-advento não tem a intenção de informar a Deus sobre algo que Ele já sabe de antemão (Sl 44:21; 139:4). O que o juízo busca é estabelecer uma base legal que demonstre publicamente que o veredito que Deus dará é justo e verdadeiro (Ap 20:4, 12, 15).

Considerando que hoje não temos acesso a esses livros, é sempre oportuno ter em mente que o juízo pertence a Deus, e não a nós. No entanto, é comum que nos intrometamos na obra divina, dando nossa opinião sobre a caminhada cristã dos membros da igreja, esquecendo que o único que conhece tudo e todos é Deus. Hoje examinaremos como Paulo aconselha a igreja de Corinto que é melhor ficar calado e não julgar antes da hora (1Co 3:1-4:5).

O FUNDAMENTO DA IGREJA É CRISTO (1Co 3:1-17)

A igreja de Corinto estava dividida entre facções que se alinhavam ao redor da liderança dos homens (1Co 1:11,12). Alguns diziam ser de Paulo, enquanto outros se declaravam seguidores de Apolo

(1Co 3:1-4). Esse tipo de atitude demonstrava uma leitura humana que lia de maneira equivocada a função e o propósito dos líderes da igreja (1Co 3:3,4). Por meio do uso de uma imagem agrícola, Paulo afirma que, embora ele e Apolo tenham plantado e regado, o crescimento da igreja de Corinto depende exclusivamente de Deus (1Co 3:5-8). Em outras palavras, Paulo e Apolo são colaboradores de Deus, mas não são os donos da igreja (1Co 3:9-17).

Como bem sabem os membros de Corinto, Paulo foi o fundador dessa igreja (At 18:1-21; 1Co 3:10). Como um arquiteto habilidoso, ele lançou o alicerce, que, como ele mesmo descreve, é Jesus Cristo (1Co 3:10-11). Portanto, tudo o que é construído sobre ele deve estar em harmonia com essa base. Isso é sem dúvida uma advertência contra os líderes de Corinto, que estavam levantando uma liderança que criava dissensão entre os irmãos.

É por essa razão que Paulo afirma que “se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, a obra de cada um se tornará manifesta, pois o Dia a demonstrará. Porque será revelada pelo fogo [...]” (1Co 3:12,13). Dessa maneira, Paulo deixou o julgamento dos líderes da comunidade de Corinto nas mãos de Deus. “Se aquilo que alguém edificou sobre o fundamento permanecer, esse receberá recompensa” (1Co 3:14). “Se a obra de alguém se queimar, esse sofrerá dano. Porém ele mesmo será salvo” (1Co 3:15). A salvação desse último mostra que, embora estivesse agindo de maneira errada, ele não tinha a intenção de ruinar a igreja.

Entretanto, aqueles que ousarem destruir o templo de Deus, que é a igreja, Deus os destruirá (1Co 3:16-18). Nessa parte do argumento, o tom e a linguagem de Paulo mudam, pois aqui o problema e a ameaça são diferentes. Nesse caso, não houve equívoco ou incompetência, mas desleixo e o desejo de desfazer o que Deus ensina. Sem dúvida, esse tipo de liderança será aniquilado. No entanto, não se esqueça de que somente Deus sabe quais eram e são as intenções desses homens, e é a Ele que devemos deixar o julgamento.

A igreja não está livre da entrada de lobos vorazes que querem destruir a obra de Deus. Paulo lutou contra eles (1Co 16:22; Gl 1:8-9) e nos alertou sobre sua presença (At 20:29; ver também Mt 7:15). Como igreja, e de forma individual, devemos nos preocupar em des-

mascarar todos aqueles que tentam desfigurar os ensinamentos da Bíblia e procuram deixar nossa igreja doutrinariamente à deriva. No entanto, Paulo nos lembra que será Deus quem os destruirá.

O QUE JULGA É O SENHOR (1Co 3:19; 4:1)

O problema que existia entre alguns dos membros da igreja de Corinto, e ainda existe hoje, é acreditar que eles eram suficientemente sábios para determinar humanamente a que facção pertenciam. E mais, aparentemente eles se sentiam especialmente preparados para defender ou apoiar a existência de liderança pessoal. Não se enganam, pois Paulo diz: “Se algum de vocês pensa que é sábio neste mundo, faça-se louco para se tornar sábio” (1Co 3:18).

A sabedoria humana, afirma Paulo, é loucura; pois, como está escrito no livro de Jó, “Apanha os sábios na astúcia deles” (Jó 5:13; 1Co 3:19). Ao citar essa passagem do Antigo Testamento, Paulo exige que os coríntios reconheçam que mesmo as pessoas consideradas sábias neste mundo não podem competir com Deus, que é muito superior em sabedoria e entendimento. Para reforçar o que foi dito acima, Paulo faz alusão ao Salmo 94, destacando o fato de que Deus conhece os pensamentos dos homens e de que eles são vaidade (Sl 94:11; 1Co 3:20). Portanto, nenhum ser humano deve se gloriar em sua própria sabedoria (1Co 3:21). Isso inclui o próprio Paulo e Apolo; e, a propósito, os líderes e membros da igreja de Corinto.

Para Paulo, ninguém deve se vangloriar a favor ou em relação de nenhum tipo de liderança humana (1Co 3:21). Esses homens, como nós, são simples criaturas. Como foi dito anteriormente, eles não são alicerces. Portanto, em vez de nos orgulharmos de seguir este ou aquele líder, vamos nos gloriar em Cristo, o criador e o fundamento da igreja (1Co 3:10,11).

Paulo está tentando enfatizar que nós não pertencemos a esses líderes, mas eles pertencem à igreja e, portanto, a nós. “Tudo é de vocês” (1Co 3:21), Paulo afirma, lembrando-nos de que ele, Apolo e Cefas são servos e administradores dos mistérios de Deus. Portanto, ambos trabalham para Cristo e são instrumentos da igreja (1Co 3:22-4:1). Os membros da Igreja, conseqüentemente, não devem se dividir em torno de disputas que procuram exaltar líderes humanos. Os líderes *são* da igreja, e nós *pertencemos* a Jesus (1Co 3:23).

Esse ensino é claramente pertinente. No mundo atual, embora haja uma crise de liderança política, as lideranças que existem levaram muitos a se alinharem com uma figura específica. Aqueles que seguem esses homens têm apelidos baseados no nome desse personagem, criando as facções que dominam a sociedade atual. Embora Deus sempre levante homens e mulheres para guiar Seu povo, pode acontecer de algumas pessoas entenderem mal o conceito de discípulo, exaltando essas pessoas a ponto de se esquecerem de que o fundamento da igreja é Jesus. Deus nos convida a não defendermos esses homens e mulheres, mas a lembrá-los de que eles devem se submeter e trabalhar para o Senhor da igreja.

NÃO JULGUE ANTES DO TEMPO (1Co 4:2-5)

Os líderes da igreja, sejam eles quem forem, devem ser pessoas fiéis (1Co 4:2). Isso é o que é exigido e requerido de qualquer homem ou mulher que assuma uma posição de liderança. Mas não é a igreja que necessariamente os julga. As intenções do coração são conhecidas apenas por Deus, e é a Ele que devemos deixar o julgamento (1Co 3:3-5). Paulo pede isso (1Co 3:3-4), e acho que devemos conceder isso a ele, principalmente quando estudamos o resultado e o fim de sua carreira como apóstolo (2Tm 4:6-8). No entanto, o problema era que os crentes da igreja em Corinto careciam do relato completo da vida do apóstolo; e, considerando que eles estavam divididos em facções que homenageavam certos líderes em detrimento de outros, é claro que eles teriam começado a julgar o trabalho de Paulo.

Paulo declara sua inocência e se sente em paz porque quem o julga é o Senhor, e não os que ouvem a carta aos coríntios (1Co 4:4). Sua preocupação não era com o que os outros diziam a seu respeito, nem sua autoestima se baseava na aceitação social da igreja. Ele confiava em Deus e submetia seu trabalho ao juízo divino, não ao humano. Sem dúvida, é importante que tenhamos isso em mente, pois vivemos em um mundo que muitas vezes julga incorretamente. Ninguém no mundo pode ler o coração do cristão e determinar judicialmente aquilo que somente Deus sabe.

Ao mesmo tempo, também podemos cair no erro de começar a julgar nossos líderes e irmãos da igreja, esquecendo que é o Senhor quem esclarecerá o que está oculto na escuridão, “manifestará os

desígnios dos corações” (1Co 4:5). Portanto, não cometamos o erro de Samuel, que, embora fosse um homem de Deus, errou ao pensar que Eliabe era quem Deus escolheria para ser rei em Israel (1Sm 16:6). “Não olhe para a sua aparência”, disse Deus, “nem para a sua altura, porque eu o rejeitei. Porque o Senhor não vê como o ser humano vê. O ser humano vê o exterior, porém o Senhor vê o coração” (1Sm 16:7).

Nosso conhecimento atual é limitado. Isso inclui não apenas nossa percepção do tempo, fazendo-nos ignorantes do que ocorrerá com nossa vida aqui na Terra (Tg 4:13-15), mas também tem a ver com o que acontece internamente no coração de outras pessoas. Mas Paulo diz que chegará um dia em que Deus manifestará o que ninguém sabe e tornará publicamente conhecidas as intenções do coração (1Co 4:5). Isso acontecerá na segunda vinda de Jesus (1Co 4:5). Será nesse momento que “cada um receberá o seu louvor da parte de Deus” (1Co 4:5).

A base desse juízo é a lei de Deus (Rm 2:12-16) bem como o ato de examinar as obras daqueles homens e mulheres cujo veredicto foi contrário, e eles foram condenados (Ap 20:13; Mt 24:45-51; 25:41-46; Jo 5:28,29). Assim, enquanto os justos recebem a recompensa da vida eterna (1Co 15:51-57), ou seja, obtêm o que Paulo chama de louvor de Deus (1Co 4:5), os ímpios são condenados (Mt 25:31-46).

Será nesse momento, na segunda vinda, que os justos terão acesso aos registros pelos quais os ímpios foram julgados e achados culpados. O livro do Apocalipse descreve esse evento de maneira vívida, informando-nos que esse juízo acontecerá durante o milênio (Ap 20:4-6), ou seja, depois que Jesus regressar das nuvens do céu (Ap 19:11-20:3; 1Ts 4:13-5:11). É nesse contexto que João vê tronos e, sobre eles, “aqueles aos quais foi dada autoridade para julgar”, os quais “serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos” (Ap 20:4, 6). É durante esses mil anos que os redimidos confirmarão que o juízo de Deus é justo e louvarão o nome do Senhor, reconhecendo que os caminhos do Senhor são justos e verdadeiros (Ap 15:3). E só então, nesse instante, Deus revelará “o que está oculto nas trevas e manifestará as intenções dos corações” (1Co 4:5).

Nós, seres humanos, somos impacientes e queremos que as coisas se solucionem ou aconteçam instantaneamente. Os tempos de Deus

são diferentes dos nossos (Ec 3:1-8), e devemos nos adequar ao que a revelação divina nos ensina sobre o juízo divino. Existem muitas coisas que hoje não entendemos, e entre elas estão as intenções pessoais daqueles que vivem entre nós e que também amam o Senhor. Não temos a capacidade de ler o coração das pessoas, nem mesmo podemos saber o que se passa pela cabeça delas. O que é decorrente disso, e o que devemos fazer nas palavras do apóstolo Tiago, é não murmurar contra os irmãos, porque “Aquele que fala mal do irmão ou julga o seu irmão fala mal da lei e julga a lei; ora, se você julga a lei, não é observador da lei, mas juiz” (Tg 4:11).

Deixemos que o Juiz, o Rei da glória e nosso Senhor Jesus Cristo, seja aquele que julgue nossa vida e a dos outros (Jo 5:22-30; Atos. 17:30-31; 2Tm 4:8). Ele, que também é nosso advogado (1Jo 2:1-2), julgará retamente, e, ao fazer isso, deixaremos que Deus seja Deus.

CONCLUSÃO

A igreja de Corinto era uma igreja dividida em facções, que se agrupavam em torno de líderes. Os membros de Corinto pensavam que pertenciam a esses líderes quando, na realidade, pertenciam à igreja. O juízo desses líderes, assim como o juízo humano entre os crentes, deve ser deixado nas mãos de Deus. No momento oportuno, quando no milênio os salvos tiverem acesso aos livros que foram a base do juízo, poderemos entender o que não compreendemos hoje.

CONVITE

Deus nos convida a deixar Deus ser Deus. Ele é o único que sabe o que o ser humano pensa, que escuta seus pensamentos (Sl 44:21; 139:4). Sigamos melhor o conselho de Jesus, que nos ordena a não julgar para não sermos julgados (Mt 7:1-4). Peçamos a Deus, em oração, que primeiro tiremos a viga do nosso próprio olho, para depois tirar o cisco do olho do nosso irmão (Mt 7:5).

TÍTULO: **VENCENDO NO SOFRIMENTO**

Texto bíblico:

“Lancem sobre ele todas as suas ansiedades, porque ele cuida de vocês” (1Pe 5:7).

INTRODUÇÃO

Ao nos sentirmos nervosos ou preocupados com diversas questões que vivemos cotidianamente, estamos, de uma forma ou de outra, expressando algum grau de ansiedade em nossas vidas. Esse tipo de sensação faz parte da experiência humana, que nos lembra que estamos vivos. Por outro lado, existem também os chamados transtornos de ansiedade. Essa ansiedade patológica, diferente da primeira, é constante, extensa e exagerada, e precisa de ajuda médica.

Nosso estudo de hoje não se concentrará na ansiedade patológica, que requer a opinião de um especialista, mas naquela que os seres humanos experimentam em determinados momentos de estresse e que é desencadeada ocasionalmente. Sem dúvida, essa é uma forma de sofrimento, e, como crentes, não estamos isentos de seus ataques. No estudo de hoje examinaremos os que o apóstolo Pedro, em sua primeira carta, nos ensina sobre o que podemos fazer com esse tipo de ansiedade (1Pe 5:1-11).

DEUS RESISTE AOS SOBERBOS (1Pe 5:1-5)

Não podemos negar que o cristão sofre. Nenhuma parte da Bíblia diz o contrário (Sl 34:19; 2Tm 3:12; Tg 1:2-4). É importante levar em consideração que, a partir da perspectiva bíblica, o que está aflito não necessariamente está assim porque pecou. Os profetas e poetas do Antigo Testamento nos lembram que os maus às vezes prosperam, enquanto os justos padecem em aflição (Sl 73:3; Ec 7:15; Jó 21:7-17; Jr 5:28; 12:1). O livro de Jó ilustra perfeitamente isso, uma história que nos ensina uma verdade fundamental: os justos também sofrem (Jó 1:1-2:13).

Pedro diz que não podemos nos surpreender “com o fogo que surge”, como se isso fosse algo estranho (1Pe 4:12). Pelo contrário, devemos nos alegrar, pois estamos sendo co-participantes dos sofrimentos de Jesus (1Pe 4:13). É um privilégio, Pedro disse, sofrer por Cristo. Ao mesmo tempo, é uma vergonha e uma blasfêmia sofrer perseguição por ser homicida e ladrão (1Pe 4:14-15). Por essa razão, se vamos padecer, devemos fazê-lo porque somos cristãos, aceitando a vontade de Deus (1Pe 4:16, 19).

Depois de dizer isso, Pedro se dirigiu aos anciãos da igreja (1Pe 5:1-4), que eram os líderes que cuidavam pastoralmente das regiões do Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitúnia (1Pe 1:1). A ordem que Pedro lhes deu que era para eles apascentassem o rebanho que Deus havia deixado sob sua responsabilidade, “tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente” (1Pe 5:2, ACF). Eles não eram os donos nem os senhores dos membros da igreja que ministravam. Portanto, a liderança que deveriam exercer era a do exemplo (1Pe 5:3), mostrando entusiasmo na hora de servir o rebanho (1Pe 5:2). Por causa disso, Pedro os animou a trabalhar, não por uma ganância desonesta (1Pe 5:2), mas porque um dia eles receberiam “a imperecível coroa da glória” das mãos do Supremo Pastor (1Pe 5:4).

Em seguida, Pedro se dirigiu aos jovens, admoestando-os a se submeterem aos anciãos que os estavam liderando. Essa ordem repousa no mesmo princípio que Pedro empregou anteriormente. Pois, assim como os líderes da igreja devem se submeter à liderança de Pedro, os jovens devem se submeter aos anciãos (1Pe 5:5). O ato de se submeter ao outro não é uma tarefa simples; é por isso que Pedro os aconselha a se revestirem de humildade (1Pe 5:5). E essa admoestação não se dirige apenas aos jovens, mas também aos anciãos; por isso ninguém está isento.

A palavra “humildade”, tal como é usada aqui nesta passagem, expressa uma atitude de serviço amoroso (At 20:19) que molda nossa forma de tratar o próximo (Ef 4:2). Em essência, o termo descreve uma pessoa que coloca as necessidades e desejos dos outros em primeiro lugar. Um autor que ilustra isso claramente é Paulo, que ordena: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos” (Fp 2:3, Nova Versão Internacional). Foi isso que o próprio Jesus fez, que, “embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que de-

via apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens" (Fp 2:6,7). Em outras palavras, o ato de humilhação que Pedro exige tem como modelo Jesus, que "se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz" (Fp 2:8).

Pedro ressalta que uma disposição diferente, que se concentra em si mesmo e se esquece do próximo, não é o caminho que o crente deve seguir (1Pe 5:5). Isso porque Deus resiste aos soberbos (1Pe 5:5; Pv 3:34). Uma pessoa soberba é aquela que age de maneira egoísta e vã, independentemente das consequências que tal comportamento acarrete. Em outras palavras, um soberbo quer ter o controle de sua vida, sem sequer respeitar a vontade divina. Como então alguém que age soberbamente poderia sofrer em nome de Cristo? Isso gera um problema, porque aqueles que padecem fazem isso de acordo com a vontade de Deus (1Pe 4:19). Isso explica por que Deus dá graça aos humildes, que se submeteram à vontade divina a ponto de arriscar suas vidas por Cristo (1Pe 4:12,13).

É importante destacar que nossa tendência como seres humanos é assumir o comando de nossas vidas e nos tornar independentes de Deus. A sociedade ocidental na qual vivemos nos ensina e nos motiva a agir dessa maneira. Por outro lado, Pedro nos convida a transitar o caminho contrário. Isto é, a ser submissos uns aos outros, para que, dessa forma, aprendamos acima de tudo a ser obedientes a Deus.

A SOBERBA E A ANSIEDADE (1Pe 5:6,7)

Tendo em mente tudo o que foi dito anteriormente, Pedro nos convida a nos humilharmos "debaixo da poderosa mão de Deus" (1Pe 5:6). Isso significa reconhecer nossa insuficiência e limitações humanas. Não sabemos a razão nem porque sofremos, muito menos sabemos o que acontecerá com nossa vida terrena no futuro. Pensando assim, o ato de se humilhar compreende permitir que Deus dirija nossa vida e aceitar que o sofrimento que vivemos opere de acordo com Sua vontade. Por isso, é essencial destacar que essa disposição submissa que Pedro nos admoesta a seguir não acontece em um vazio existencial nem se realiza em um contexto sem rumo. A submissão ocorre quando colocamos nossas vidas "debaixo da poderosa mão de Deus" (1Pe 5:6). Isso implica crer que a mão Daquele que nos criou também tem cuidado de nós (1Pe 5:7).

Por ocasião do sermão da montanha, Jesus instruiu sobre o cuidado que Deus tem com aqueles que O amam. Jesus diz que nós somos mais valiosos que as aves do céu e que os lírios do campo, e ainda assim Deus os alimenta e os veste (Mt 6:25-30). Portanto, não fiquemos ansiosos com o que ainda não está acontecendo ou com o alimento que estaria faltando hoje em nossa mesa (Mt 6:31-34). Jesus diz que devemos buscar primeiro “o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas nos serão acrescentadas” (Mt 6:33, adaptado).

É nesse contexto que Pedro nos convida a jogar toda a nossa ansiedade na mão poderosa de Deus (1Pe 5:7). O adjetivo “toda” ressalta que a ansiedade que cada um experimenta pode ser distinta para cada indivíduo, ou seja, pode assumir diferentes formas. Para alguns, pode ser o trabalho, e para outros, os filhos. Tanto faz. Pois não importa o que nos aflija, o Senhor está pronto para ouvir, pois Ele Se preocupa com o que acontece conosco (1Pe 5:7). Por essa razão, vale a pena notar que o ato de lançar nossas ansiedades sobre Ele salienta a importância que a oração tem para o crente. O apóstolo Paulo resume perfeitamente isso, ao dizer: “Não fiquem preocupados com coisa alguma, mas, em tudo, sejam conhecidos diante de Deus os pedidos de vocês, pela oração e pela súplica, com ações de graças” (Fp 4:6). Portanto, oremos e falemos a Deus sobre a ansiedade que nos mantém acordados e, em seguida, fechemos os olhos, acreditando e confiando no poder de Sua mão poderosa (1Pe 5:6,7).

O DIABO TAMBÉM ESTÁ ANSIOSO (1Pe 5:8-11)

Pedro nos admoesta a praticar o domínio próprio e a vigiar (1Pe 5:8). Em ambos os casos, o que é necessário é tomar decisões e trabalhar em nossa “salvação com temor e tremor, porque Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:12,13). Dessa forma, o crente é chamado a crescer espiritualmente e reconhecer que fazemos parte de um grande conflito cósmico, para o qual é nosso dever estar atentos às ciladas do inimigo (1Pe 5:9).

O diabo, nosso adversário, “anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5:8). É provável que Pedro tenha em mente as ciladas do diabo como a causa da ansiedade que seus ouvintes estavam experimentando. Como notamos anteriormente, Pedro instrui os membros da igreja a padecer em nome de

Cristo, aceitando o sofrimento como parte da vontade de Deus (1Pe 4:12-19). Essa associação entre Satanás e a perseguição compreende entender que às vezes Deus permite que o diabo atue em momentos específicos de nossas vidas (Jó 1:1-2:13; Ap 2:10).

Entretanto, Deus não permite o sofrimento de Seus filhos porque tem prazer nisso. Deus nem mesmo tem prazer na morte de um pecador, esperando, em vez disso, que o pecador se converta e viva (Ez 18:31). Isso quer dizer que Deus não é um masoquista que sente prazer ao ver uma pessoa sofrendo. O causador do sofrimento, e do mal que vivemos, não é Deus (Tg 1:13-15), mas o diabo, a serpente do Éden (Gn 3:1-7; 4:1-8). E é o inimigo, não Deus, que anda como um leão rugindo em busca de presas com o propósito de destruí-las (1Pe 5:8). Ao contrário do diabo, Deus nos ama, a ponto de enviar Seu Filho unigênito ao mundo, "como propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 4:10). Jamais nos esqueçamos disso.

O propósito do sofrimento, quando o entendemos sob a perspectiva bíblica, consiste em reconhecer que Deus nos permite experimentá-lo porque Ele deseja nos ensinar alguma coisa (Tg 1:2-4). Pedro diz que nossa fé é semelhante ao ouro (1Pe 1:7). E assim como o ouro deve passar pelo fogo para saber se é autêntico ou não, a fé, depois de passar pela prova da aflição, "resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado" (1Pe 1:6,7, NVI). Portanto, evitemos cair na armadilha de pensar que, só porque somos filhos e filhas de Deus, estamos protegidos contra qualquer tipo de sofrimento. Infelizmente, e a partir de nossa experiência cristã, sabemos que o resultado é totalmente oposto ao que muitas vezes é pregado. Pois, como afirma Paulo, "todos os que querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2Tm 3:12).

No entanto, o sofrimento não durará eternamente. Porque, nas palavras de Pedro, Deus nos exaltará quando for o momento (1Pe 5:6). Esse momento pode ser agora, ou talvez na segunda vinda de Jesus. Independentemente de qual seja o caso, Jesus em algum momento fará justiça e nos restaurará. O importante para Pedro, no entanto, é o efeito discipulador que o sofrimento tem, e isso nos leva a reconhecer que o grande Mestre espera que Seus filhos e filhas depositem Nele toda a sua ansiedade (1Pe 5:7).

É verdade que a experiência da ansiedade não é agradável, e o conflito que vivemos às vezes nos deixa exaustos. No entanto, é transcendental nesse contexto reconhecer a visão compreensiva

que a Escritura tem a esse respeito. Isso significa ter em mente que, embora "nenhuma disciplina pareça ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza", uma vez passada, essa experiência produzirá "fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados" (Hb 12:11).

Os frutos prometidos implicam crescer em graça e caráter. Em graça, porque teremos suportado a provação unicamente protegidos sob Suas asas. Em caráter, porque, ao sairmos do sofrimento que Ele nos permitiu experimentar, nossa leitura do mundo e do nosso relacionamento com Deus será diferente. Pois, como diz Tiago em sua epístola, a fé que é provada produz paciência (Tg 1:2). Dessa maneira, depois que a aflição passar e aprendermos a depender de Deus, poderemos descansar nessa promessa. E não somente isso, pois também teremos a capacidade espiritual de ver como o Senhor constantemente nos encoraja, sabendo que no momento de ansiedade que podemos estar vivendo, podemos confiar que, ao lançar todas as nossas inquietudes sobre Ele, estamos sob o cuidado de Sua poderosa mão.

CONCLUSÃO

O conselho de Pedro contra a ansiedade humana consiste em lançar nossas cargas e nossos problemas sobre Deus. Isso significa que devemos orar e acreditar que o Senhor está preocupado e cuida de nós. O diabo é sem dúvida uma fonte de ansiedade, que procura nos destruir. Por isso, devemos resistir às suas artimanhas. E, para que isso aconteça, temos que estar conscientes de seus ataques e reconhecer, em humildade, que nossa única esperança está no Senhor. Bem, não nos esqueçamos: "Deus Se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes" (1Pe 5:5, NVI).

CONVITE

Oremos para reconhecer que, sem o Senhor, nada somos. Em um ato de humildade, e deixando de lado o orgulho, oremos para abandonar nossas tendências de superioridade e independência. Ao lançar nossa ansiedade sobre Deus, estamos nos submetendo à Sua vontade, proclamando publicamente que Ele é nosso Deus e que confiamos apenas Nele. Por isso, creiamos e aceitemos que o propósito de nosso sofrimento tem o objetivo de transformar nosso caráter.

TÍTULO:

VENCENDO AS ARMADILHAS DE SATANÁS

Texto bíblico:

"E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: 'Tragada foi a morte pela vitória.'" (1Co 15:54).

INTRODUÇÃO

A cultura religiosa popular, da qual, mesmo que não queiramos, eu e você somos parte, ensina que o ser humano possui uma alma imortal. No momento de morrer, as pessoas dizem que o homem e a mulher deixam de existir na Terra e assumem uma vida espiritual eterna. Enfatiza-se que os justos viverão no Céu para sempre, enquanto os ímpios sofrerão um castigo que jamais terminará. No entanto, a Bíblia afirma algo diferente. O homem e a mulher não possuem uma alma, mas são uma alma (Gn 2:7; Ez 18:20). Por isso, são seres mortais.

Biblicamente, na morte, o fôlego de vida dos seres humanos retorna a Deus, e o corpo fica no túmulo (Sl 104:29; Ec 3:19-21; 12:7). Dessa forma, ao morrer, os seres humanos não sabem nem sentem nada (Sl 6:5; 115:17; 146:4), pois "a memória deles jaz no esquecimento" (Ec 9:5). Contudo, na segunda vinda de Jesus, os justos receberão a vida eterna e estarão "para sempre com o Senhor" (1Ts 4:17). O estudo de hoje se concentrará na promessa da imortalidade, e faremos isso examinando o capítulo 15 da primeira carta de Paulo aos coríntios (1Co 15:35-58).

OS TIPOS DE CORPO E A MORTE (1Co 15:35-46)

Em 1 Coríntios 15, Paulo adverte sobre a importância que existe em considerar o assunto da ressurreição dos mortos como uma promessa real (1Co 15:1-34). A base que sustenta essa esperança é a

própria ressurreição de Jesus (1Co 15:12-18). Se alguém duvida ou nega essa promessa, isso significa que Cristo não ressuscitou, e, portanto, nossa pregação e nossa fé são vãs, e não servem para nada (1Co 15:12-14).

Paulo afirma que Jesus ressuscitou dos mortos, e existem testemunhas que podem asseverar isso, incluindo o próprio Paulo (1Co 15:1-8). Como sabemos, Paulo foi inicialmente um perseguidor da igreja (At 8:3; 1Co 15:9; Gl 1:13), “prendendo homens e mulheres e lançando-os na cadeia” (At 22:4). Foi em um desses ataques que Paulo, a caminho de Damasco, viu Jesus ressuscitado (At 9:1-19) e se transformou no apóstolo dos gentios (Rm 11:13; 1Tm 2:7). Conseqüentemente, como testemunha dos atos, Paulo assegura que a ressurreição dos mortos é um ato concreto e real que acontecerá por ocasião da segunda vinda de Jesus (1Co 15:20-23; 1Ts 4:13-17).

É provável que alguns se perguntem, como Paulo aponta, que tipo de corpo o ressuscitado terá (1Co 15:35). Usando uma metáfora agrícola, Paulo responde que, assim como o que nasce de uma semente que é semeada na terra difere em forma e é diferente do que foi plantado, da mesma maneira os corpos daqueles que ressuscitarem na segunda vinda serão diferentes, em natureza, daqueles que foram depositados no túmulo no momento da morte (1Co 15:36,37).

É importante notar que é o Senhor, como o Autor da vida, que realiza esse milagre e que, por meio de Seu poder, realiza a transformação dos corpos (1Co 15:38). Entretanto, nem todos os corpos, ou "carne", como Paulo também a chama, são iguais: “Nem toda carne é a mesma; porém uma é a carne dos seres humanos; outra, a dos animais; outra, a das aves; e outra, a dos peixes” (1Co 15:39). Essas “carnes” ressaltam o fato de que, assim como existem diferenças corporais entre os seres vivos que habitam neste mundo, também “há corpos celestiais e corpos terrestres” (1Co 15:40).

No entanto, como Paulo diz, “uma é a glória dos celestiais, e outra, a dos terrestres” (1Co 15:40). O esplendor do sol, da lua e das estrelas é comparativamente distinto ao das suas contrapartes terrenas, que, mesmo entre si, também se distinguem em glória e beleza (1Co 15:41). De igual forma, assim como existem diferenças entre as carnes terrenas e celestiais, a natureza dos corpos dos redimidos no dia da ressurreição será distinta por ocasião da ressurreição.

O que hoje está depositado no túmulo em corrupção ressuscitará incorruptível, em honra e glória (1Co 15:42-44). As doenças que nos afligem e que levaremos conosco ao sepulcro desaparecerão na ressurreição, pois o que "semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder" (1Co 15:43). Isso é, sem dúvida, uma notícia maravilhosa. As pessoas que hoje padecem de algum tipo de sofrimento, passageiro ou permanente, ou de algum tipo de impossibilidade corporal recebem a promessa de que aquilo que as aflige desaparecerá. O que será ressuscitado, ou transformado, não será o mesmo corpo que temos hoje, mas um corpo espiritual (1Co 15:44-47).

EM UM ABRIR E FECHAR DE OLHOS (1Co 15:47-54)

Embora o corpo que temos hoje não seja o mesmo que Deus promete que teremos naquele dia, isso não significa que devemos entender que aquele corpo espiritual não será material (1Co 15:44-49). Adão foi um ser vivente, e Jesus, o último Adão, é "espírito vivificante" (1Co 15:45). No entanto, o fato de Jesus ser chamado de espírito não significa que Ele tenha ressuscitado como um ser imaterial ou que, em Sua encarnação, tenha assumido uma forma fantasmagórica. Durante Seu ministério, Jesus mostrou possuir uma natureza humana semelhante à nossa. Ele teve fome (Mc 11:12), Se cansou (Jo 4:6), e Suas roupas (Mt 9:20), ou Ele mesmo, experimentaram algum tipo de contato físico (Mc 1:41; 3:10). Da mesma forma, após Sua ressurreição, Jesus comeu um peixe assado (Lc 24:42) e repartiu o pão com os discípulos (Jo 21:13). Observe que é o próprio Jesus que salienta que o corpo espiritual que Ele assumiu em Sua ressurreição não é imaterial: "Vejam as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo. Toquem em mim e vejam que é verdade, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho" (Lc 24:39; ver também Jo 20:27). Vale a pena notar também que Jesus, depois de ressuscitar, foi reconhecido pelos discípulos (Lc 24:36-44; Jo 20:19-20). É verdade que os discípulos a caminho de Emaús não O reconheceram a princípio (Lc 24:31), mas isso só aconteceu porque inicialmente "os olhos deles estavam como que impedidos de O reconhecer" (Lc 24:16).

Por outro lado, é significativo observar que o corpo de Jesus é diferente da forma física que hoje conhecemos e temos. Ao partir o pão diante dos discípulos que viviam na aldeia de Emaús, Jesus desapa-

receu subitamente ao ser reconhecido (Lc 24:31). Depois, no mesmo dia, Jesus apareceu aos discípulos quando as portas do lugar em que estavam se encontravam fechadas (Jo 20:19, 26). Podemos notar nesses exemplos que o corpo ressuscitado de Jesus é diferente do terreno em termos temporais e espaciais. Isso é tecnicamente chamado de 'corpo glorificado'. E esse é o corpo que Jesus promete que os redimidos terão por ocasião de Sua vinda.

A promessa da restauração do corpo é resumida e afirmada novamente por Paulo ao dizer: “a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção” (1Co 15:50). A expressão “carne e sangue” é usada por Paulo metaforicamente, dando a entender com ela que nosso corpo terreno não será aquele que será levado ao Céu quando Jesus regressar. E devemos dar graças por isso, porque não é um mistério que nosso corpo, assim como as máquinas, se desgasta, e chega um momento quando já não existem mais “substitutos” que podem dar vida.

Portanto, necessitamos de um corpo espiritual como o de Cristo. Paulo expressa isso claramente na epístola aos Filipenses, afirmando que “transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória” (Fp 3:21), ou seja, ao de Jesus. Para que isso aconteça, nossa natureza atual precisará ser transformada no futuro. Essa esperança de restauração não somente compreende a recriação corporal daqueles que morreram em Cristo, mas também daqueles que estarão vivos na segunda vinda de Jesus (1Co 15:51). Essa transformação, contudo, não é de forma alguma comparável à das cirurgias estéticas, que causam dor ao paciente. Esta, Paulo nos diz, será instantânea, pois levará o mesmo tempo que o piscar dos olhos (1Co 15:52).

Os mortos serão ressuscitados desprovidos de corrupção física, e os vivos experimentarão uma transformação radical. Essa mudança é absoluta, pois a mortalidade da corrupção será eliminada, dando lugar à imortalidade da incorrupção (1Co 15:52). É importante observar que a promessa da imortalidade é condicional e não é inerente ao ser humano. Ou seja, não nascemos imortais, nem vivemos eternamente em algum tipo de dimensão espiritual quando morremos. O único imortal, afirma a Bíblia, é o Senhor (1Tm 1:17), e a esperança da imortalidade é dada unicamente em Cristo, que é a ressurreição e a vida (Jo 11:25). A promessa que nos foi dada é que

quem crê em Jesus, ainda que morra, viverá eternamente (Jo 11:25; ver também Jo 3:15-16; 5:24).

O CANTO DE VITÓRIA (1 Co 15:55-58)

Paulo nos lembra que em Adão todos morrem, mas, na vinda de Cristo, todos serão vivificados (1Co 15:22). Então, quando Jesus entregar “o Reino ao Deus e Pai” e abolir “todo principado, bem como toda potestade e poder” (1Co 15:24), o último inimigo que será destruído será a morte (1Co 15:26).

A morte, da perspectiva bíblica, é como um inimigo intrusivo que entrou neste mundo depois da queda (Gn 3:21; 4:8). Não era parte do plano original de Deus que o ser humano morresse, muito menos que experimentasse a decadência do pecado. O homem e a mulher foram criados perfeitos, à imagem de Deus (Gn 1:26-31); mas, por causa do pecado, eles adoecem, e seus corpos sucumbem à corrupção e ao desgaste de uma vida corporal que acaba no cemitério (Gn 3:16-19).

Ninguém neste mundo está livre de morrer, adoecer e envelhecer. A indústria farmacêutica e cosmética investe somas importantes de dinheiro todos os anos para encontrar a solução para a velhice. Esse desejo, tão vividamente recriado na literatura e nos mitos antigos, é a chamada “busca da fonte da eterna juventude”. A Bíblia nos diz que essa indagação não faz sentido algum, pois o único remédio para a morte, a doença e a velhice está em Jesus, que tem o poder de dar vida àqueles que Nele creem (Jo 1:4; 5:21-26; Cl 3:4).

Por outro lado, aqueles que não creem e se afastam de Jesus serão condenados, “por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus” (Jo 3:18). Vale a pena salientar que nenhuma parte da Bíblia diz que os condenados vivem eternamente em um estado constante de dor, angústia e sofrimento. O que a Bíblia diz é que, no final do milênio, os ímpios serão consumidos pelo fogo do Céu (Ap 20:9). Portanto, não nos deixemos enganar por histórias ou doutrinas que concedem aos seres humanos uma imortalidade constitutiva.

No momento da transformação dos corpos, e “este mortal se revestir da imortalidade”, então se cumprirá o que diz a Escritura: “A morte foi destruída pela vitória” (1Co 15:54). Esse pensamento, que Paulo pega emprestado do livro de Isaías (Is 25:8), retrata o fim do poder da morte sobre os redimidos. Ela é um adversário derrotado,

que não apenas perdeu seu poder, mas também é ridicularizado por aqueles que Cristo transformou. Personificando metaforicamente a morte, os justos ironicamente perguntam: "Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?" (1Co 15:55, NVI). Ao fazer isso, Paulo descreve a celebração que os justos terão ao experimentar a transformação que ocorrerá em seus corpos.

É importante ressaltar que o único que deve ser louvado e exaltado é Deus, "que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 15:57). Foi Jesus quem derrotou Satanás na cruz, e é por meio Dele que os justos podem cantar em vitória (Ap 12:7-11). Portanto, a imortalidade é uma dádiva do Senhor, o que nos lembra que, embora sejamos pó e fôlego, quando Jesus voltar pela segunda vez, Ele nos revestirá de imortalidade (1Co 15:54), e "estaremos para sempre com o Senhor" (1Ts 4:17).

CONCLUSÃO

O ser humano não é imortal. A imortalidade pertence somente ao Senhor, e é Ele quem a concede. A promessa é que, na vinda de Jesus, os mortos ressuscitarão com um corpo incorruptível, e o corpo dos justos que estiverem vivos será transformado, e ambos serão revestidos de imortalidade. Isso significa que a imortalidade é condicional e não é uma parte inerente do ser humano. Portanto, esta é uma dádiva, e nem todos a receberão. Dessa forma, não esqueçamos que essa condicionalidade está diretamente relacionada com nossa vida "em Cristo" (1Co 15:21-22; 1Ts 4:14, 16).

CONVITE

A televisão e o cinema mentem. O ser humano não vagueia imaterialmente entre os seres humanos e não precisa, como um espírito desencarnado, fazer boas obras para ganhar suas asas e finalmente entrar no Céu. Somente aqueles que acreditam em Jesus receberão a vida eterna e viverão para sempre com o Senhor nas mansões celestiais. Oremos para não cair na armadilha do espiritismo. Oremos também agradecendo a Deus porque um dia, na vinda de Jesus, receberemos um corpo espiritual.

TÍTULO:

VENCENDO A AMEAÇA À CONSCIÊNCIA

Texto bíblico:

“E ela será adorada por todos os que habitam sobre a terra, aqueles que, desde a fundação do mundo, não tiveram os seus nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto” (Ap 13:8).

INTRODUÇÃO

O mundo ocidental em que vivemos é, sem dúvida, contraditório. Ao mesmo tempo que exalta um tipo de vida e conduta, questiona as ações de outras perspectivas que promovem diferentes visões sobre a família e a ética. Tudo isso sob o pretexto da chamada tolerância cultural, que, no fim das contas, é ironicamente intolerável. Por trás dessa "tolerância intolerante", esconde-se o desejo de impor pela força um ponto de vista que, na maioria dos casos, contradiz o relato bíblico.

O livro do Apocalipse, por sua vez, nos diz que no final dos tempos o ponto em discussão estará ligado à lei de Deus, principalmente à adoração divina. Embora esse tempo ainda não tenha chegado, podemos ver o surgimento de casos, como os já mencionados, que retratam as pressões da sociedade sobre o que o crente acredita e prega. Hoje estudaremos o capítulo 13 do livro do Apocalipse e procuraremos retratar as circunstâncias e os personagens dessa parte final da história deste mundo (Ap 12:17-13:18).

A ADORAÇÃO DA BESTA E DO DRAGÃO

(Ap 12:17-13:10)

João informa que o dragão, identificado como “a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás” (Ap 12:9), foi fazer guerra contra o povo remanescente, “os que guardam os mandamentos de Deus e

têm o testemunho de Jesus” (Ap 12:17). Da mesma forma que o dragão tentou destruir Jesus por meio de Herodes, quando Jesus ainda era uma criança (Ap 12:4; Mt 2:13-18), o dragão também usará duas bestas para realizar seus propósitos contra o resto da descendência da mulher (Ap 12:17; 13:1, 11).

A primeira besta que João viu subir do mar tinha sete cabeças e dez chifres, e era semelhante a um leopardo, com pés como os de um urso e boca como a de um leão (Ap 13:2). A fisionomia dessa besta nos lembra as bestas de Daniel 7, que também saem das águas (Dn 7:2-7). É importante observar que a ordem das bestas em Apocalipse é apresentada de forma inversa, pois o primeiro animal em Daniel é um leão, seguido por um urso, um leopardo e uma besta indescritível com 10 chifres (Dn 7:2-7).

Considerando que as bestas estão em paralelo com os metais de Daniel 2 (Dn 2:36-40), é biblicamente correto afirmar que essas bestas representam os impérios que surgiram de Babilônia (leão) a Roma (besta indescritível). É importante observar que o que João vislumbra primeiro são as cabeças e os chifres, o que significa que João está localizando historicamente o surgimento dessa besta na época do Império Romano.

No entanto, por causa das características da besta e de seu comportamento, é importante observar que João não tem em mente o poder imperial romano, mas especificamente o poder papal (Ap 13:5-7). É possível argumentar isso porque as características que descrevem o comportamento da besta que emerge do mar se assemelham ao comportamento do chifre pequeno descrito em Daniel. Ambos abrem a boca com insolência (Dn 7:8, 20; Ap 13:5-6), guerreiam contra os santos (Dn 7:21; Ap 13:7) e atacam a função e o significado do santuário celestial (Dn 8:11; Ap 13:6).

O novo elemento que João acrescenta, contudo, é o fato de que uma das cabeças da besta é ferida de morte (Ap 13:3) uma ferida mortal que depois é milagrosamente curada, imitando assim a morte e a ressurreição de Jesus (Ap 5:6, 9). Isso também pressupõe que o dragão, identificado como Satanás (Ap 12:9), pretende tomar o lugar de Deus e, assim, realizar o desejo que o levou a ser expulso do Céu: ser como o Altíssimo (Is 14:14). Portanto, essa primeira besta procura imitar Jesus Cristo, pois é adorada ao lado do dragão (Ap 13:4), as-

sim como Jesus e o Pai são um (Jo 10:30) e são adorados pelas hostes celestiais (Ap 4:10; 5:9-14).

O conflito de intolerância religiosa que se aproxima girará em torno da adoração exigida pela besta e da verdadeira adoração exigida por Deus (Êx 20:3-6). Os remanescentes, que guardam os mandamentos de Deus (Ap 12:17), sabem que a lei de Deus ordena adorar somente a Deus e considerar todas as outras devoções como falsas (Êx 20:3-6; Dt 6:13; Mt 4:8-10). Devemos estar preparados e eliminar hoje os falsos ídolos que possam estar povoando nosso coração. Esses ídolos modernos podem assumir muitas formas, e é dever de cada um de nós reconhecê-los e removê-los de nossa vida. Ao fazer isso, estaremos preparados quando a batalha se intensificar e nossa vida estiver sendo testada.

Vale a pena destacar que a ferida mortal que foi infligida à besta ainda não foi completamente curada (Ap 13:3). Sabemos disso por pelo menos duas razões. Por um lado, ainda não vemos a Terra se maravilhando e indo atrás da besta (Ap 13:5). Por outro lado, ainda não chegou o momento em que ele será adorado por “todos os que habitam sobre a terra, aqueles que, desde a fundação do mundo, não tiveram os seus nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto” (Ap 13:8). No entanto, temos certeza de que em algum momento essa cura milagrosa ocorrerá e de que esse dia não está muito distante. Sabemos disso, pois assim como a profecia não deixou de predizer que a besta seria ferida, e ela se cumpriu, também temos certeza de que sua cura certamente ocorrerá em algum momento futuro.

Em meio ao surgimento das duas bestas, João faz uma pausa e nos diz que alguns serão levados cativos e morrerão (Ap 13:9). Esse parêntese, no entanto, não tem a intenção de nos fazer desanimar, mas de nos encorajar: “Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos” (Ap 13:10). Ou seja, em meio à aflição, os justos perseveraram e vencem por meio da fé.

O CORDEIRO, O DRAGÃO E A MARCA DA BESTA

(Ap 13:11-18)

A segunda besta, que João agora vê surgindo da terra (Ap 13:11), é o próximo agente que o dragão usará para destruir o remanescente (Ap 12:17). Essa besta “tinha dois chifres, parecendo cordeiro, mas

falava como dragão” (Ap 13:11). O que é diferente nessa besta, em comparação com a primeira, é que seu objetivo é fazer com que os habitantes da Terra adorem a besta do mar (Ap 13:12). Isso significa que, assim como a primeira besta parodia a figura de Jesus, a segunda besta falsifica a atuação do Espírito Santo. Em outras palavras, a segunda besta finge ser o Consolador (Jo 14:16, 26; 15:16; 16:7), “o Espírito da verdade, que dele procede”, e que testifica de Jesus (Jo 15:26).

Consequentemente, e depois de ter revelado os personagens acima, é hora de observar que o Apocalipse expõe a existência de uma falsa trindade. Enquanto o dragão imitaria o Pai, a besta marinha imitaria o Filho, e a besta terrestre imitaria o Espírito Santo. Isso significa que o engano será muito mais complexo do que imaginamos, o que claramente terá conotações religiosas.

É significativo destacar que a atuação da besta terrestre ocorre somente quando a ferida mortal da primeira é curada (Ap 13:12, 14). Quando isso acontecer, e para convencer a humanidade a seguir e adorar a besta do mar, a besta que surge da terra “opera grandes sinais, de maneira que até faz descer fogo do céu sobre a terra, diante de todas as pessoas” (Ap 13:13). Sua principal estratégia consiste em enganar os habitantes da Terra, agindo como os profetas do Antigo Testamento, entre eles Moisés e Elias, que realizaram sinais maravilhosos diante de Deus e dos homens (Êx 7:11-12; 1Rs 18:38; 2Rs 1:10-14). Essa ação profética explicaria a razão pela qual João também chama essa besta de falso profeta (Ap 16:13; 19:20; 20:10).

O que foi dito acima deve nos convidar a refletir sobre a importância de não sermos enganados pelo que nossos olhos veem, mas pelo que a Palavra de Deus condena. Vivemos em uma sociedade cheia de falsos profetas que, por meio do engano, querem que pensemos que nossa fé na Palavra de Deus está errada. Assim como os ensinamentos céticos do agnosticismo, o espiritismo opera sob a bandeira da dúvida bíblica e promove uma atitude intelectual e religiosa que busca destruir nossa fé no Deus verdadeiro. É essencial que nosso estudo das Escrituras Sagradas nos impeça de tais tentações e que a presença do Espírito Santo seja uma realidade diária em nossas vidas.

É transcendental reparar que o foco dessa parte do relato novamente tem a ver com o ato de adorar a primeira besta (Ap 13:12). E não deveria nos surpreender que o principal promotor dessa falsa adoração seja a besta que surge da terra (Ap 13:12, 15). Aqui, no entanto, a história assume um tom diferente e certamente dramático.

Pois, assim como durante a Idade Média os papas romanos perseguiram aqueles que pensavam de forma diferente (Ap 13:5-7) e não os seguiam, o mesmo acontecerá no futuro quando a ferida mortal deles for curada (Ap 13:3, 12, 14).

A implementação de uma marca (Ap 13:16) e a construção de uma imagem (Ap 13:14-15) são os artifícios que a besta terrestre utilizará para cumprir sua missão. A imagem criada pretende imitar a criação do homem (Ap 13:15), que passou a existir quando Deus soprou em seu nariz o sopro de vida (Gn 2:7). Não podemos negligenciar o fato de que a imagem da besta tem a habilidade de falar e matar unicamente quando lhe é permitido receber o sopro da vida (Ap 13:14-17). Isso implica que a imagem, no contexto deste capítulo, evoca o ato da falsa criação e, portanto, aponta para um falso criador.

O SIGNIFICADO DA IMAGEM E DA MARCA (Ap 13:11-18)

Em termos concretos, a criação da imagem da besta representa o colapso de qualquer tipo de tolerância civil e a anulação certa do limite legal que separa as esferas estatal e religiosa. Em outras palavras, o Apocalipse prevê que, em algum momento da história do nosso planeta, leis contrárias à lei divina serão impostas, e aqueles que ousarem recusar-se a segui-las serão perseguidos e mortos. O estabelecimento de uma marca, cuja obrigação abrange toda a esfera social e econômica, permitirá que os indivíduos exerçam sua liberdade sem impedimentos (Ap 13:15-18). Aqueles que se recusarem a fazer isso se tornarão escravos e párias sociais e, como mencionado, dignos de morte (Ap 15:15).

O significado da marca tem como principal paralelo o selo de Deus, o que Deus coloca sobre aqueles que Lhe pertencem (Ap 7:3; 14:1). Desse modo, a marca da besta funciona como a falsificação do selo divino e procura parodiar a presença e a vontade do Criador na testa e na mão daqueles que a recebem (Ap 13:16; ver 7:3; 14:1). Se tivermos em mente que a imagem emula a falsa criação divina, a marca da besta funciona simbolicamente como a imposição forçada de um dia que imita o dia que Deus estabeleceu como memorial da criação (Gn 2:1-3; Êx 20:11). Esse dia é o domingo, o primeiro dia da semana; um dia falso, pois o único dia que Deus abençoou e santificou foi o sábado.

Entretanto, para que o domingo assuma a conotação que mencionamos e se torne a marca da besta, a ferida da besta marítima deve primeiro ser curada. Em seguida, deve haver uma configuração política que forçosamente implemente leis e regulamentos humanos e que, dessa forma, torne possível impor um dia de guarda sobre o outro. Não há dúvida de que esse momento chegará, e, por isso, devemos estar preparados.

O quadro pintado por João retrata vividamente uma ameaça real à liberdade de consciência. O mundo ocidental, com algumas exceções, desfruta do direito de escolher a crença religiosa e descansar, de forma livre e consciente, no dia em que decidiu fazer isso. Não está longe o tempo em que esse direito nos será tirado e seremos pressionados a seguir o caminho da maioria, daqueles que apoiarão a besta. Não tenhamos medo, pois a promessa de Jesus é clara: Ele estará conosco até o fim deste mundo (Mt 28:20).

CONCLUSÃO

O diabo, simbolizado pela imagem de um dragão no Apocalipse, empregará dois agentes para destruir os remanescentes. O primeiro, uma besta que surge do mar imita Jesus e busca adoração. O segundo, a besta terrestre, emula o Espírito Santo e promove a adoração da besta que surge do mar. A estratégia usada para realizar seus planos tem a ver com a criação e imposição de verdades satânicas, que procuram infringir a liberdade de consciência.

CONVITE

Não está longe o dia em que os homens e mulheres que compõem o remanescente serão forçados a escolher entre a lei de Deus e as leis dos homens. Como memorial da criação, o sábado estará no centro do debate, e serão os membros do remanescente que mostrarão ao mundo a importância e o valor do sábado. Convido você a orar para que, nesse dia, possamos permanecer firmes e fiéis ao Deus todo-poderoso. E que não esqueçamos que o propósito do diabo é enganar, dentro do possível, até os escolhidos (Mt 13:22). Por essa razão, não deixemos de orar e preparar nosso coração para que esse dia não nos surpreenda como um ladrão (1Ts 5:4).

TÍTULO:

VENCENDO COMO ELE VENCEU

Texto bíblico:

"Então Jesus lhe ordenou: Vá embora, Satanás, porque está escrito: 'Adore o Senhor, seu Deus, e preste culto somente a ele'" (Mt 4:10).

INTRODUÇÃO

É necessário reconhecer que o tempo é um luxo para uma pessoa ocupada. Há pessoas que dormem pouco e trabalham mais do que o permitido pelas leis civis. No entanto, esse problema parece afetar não apenas aqueles com uma vida agitada, mas também a população em geral. A grande reclamação das pessoas hoje é que elas não têm tempo suficiente para fazer o que gostam. Isso significa não poder desfrutar com a família ou fazer alguma atividade que lhes permita descansar das tarefas que costumam realizar.

O cristão não está livre dessa ameaça. Seja você uma dona de casa, um trabalhador da construção civil ou um estudante universitário, todos nós estamos sofrendo do mesmo problema: não temos tempo. É possível que a maior tentação que os cristãos enfrentam seja priorizar tarefas e deixar de lado a leitura e o estudo da Bíblia. É possível inclusive que, como crentes comprometidos, estejamos tão atarefados com os trabalhos da igreja que, ironicamente, não tenhamos tempo para conversar e escutar a voz de Deus. Hoje vamos explorar a importância do estudo da Bíblia, estudando como Jesus venceu a tentação citando as Escrituras. Faremos isso principalmente seguindo o relato registrado por Mateus (Mt 4:1-11).

NEM SÓ DE PÃO VIVERÁ O HOMEM (Mt 4:1-4)

Depois de ter sido batizado por João no Jordão (Mt 3:13-17), “Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto” (Mt 4:1). A presença do Espírito no ministério de Jesus começou de maneira plena por ocasião de Seu batismo, descendo uma pomba sobre Ele (Mt 3:16). Essa plenitude é

intencionalmente enfatizada por Lucas, que afirma que “Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto” (Lc 4:1). A propósito, é por meio do Espírito que Jesus expulsa os demônios (Mt 12:28), e, como Marcos aponta expressamente, o Espírito “o impeliu para o deserto” (Mc 1:12).

O que foi dito acima não implica que, antes de ser batizado por João, Jesus agia de maneira independente e não era guiado pelo Espírito. Vale lembrar que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo (Mt 1:18, 20; Lc 1:35), e que, segundo Lucas, Jesus crescia em sabedoria e estatura, e desfrutava do favor e da aceitação de Deus desde a infância (Lc 2:52). A graça ou o favor divino, presente na vida de Jesus desde sempre, expressa claramente a dependência incessante entre Ele e o Espírito Santo.

Existe um detalhe interessante no relato e que é necessário destacar. Jesus não é levado ou impelido ao deserto por uma força pessoal. Mateus descreve o Espírito Santo como uma pessoa, que é capaz de engravidar uma mulher (Mt 1:18, 20), descer do céu sobre Jesus (Mt 3:16), falar no lugar de outros (Mt 10:20) e ser blasfemado (Mt 12:31-32). Isso é certamente significativo para nós, pois nos convida a reconhecer quão essenciais são a presença e a orientação da pessoa do Espírito na vida do crente.

Mateus nos informa que Jesus é levado ao deserto para ser tentado pelo diabo. No contexto bíblico, o termo "tentar" pode ser traduzido como "provar". Dependendo do contexto, o termo "provar" poderia ser entendido de uma maneira negativa ou positiva. Enquanto Deus provou Abraão, ordenando-o a sacrificar seu filho Isaque (Gn 22:1-2), o diabo tenta os membros da igreja ao cair em apostasia (1Ts 3:5). No primeiro exemplo, a petição tinha a intenção de provar, preparar e desenvolver o caráter (ver Jo 6:6). No entanto, no segundo, o objetivo é evidentemente destrutivo (1Co 7:5).

Em vista do exposto, o Espírito não levou Jesus ao deserto para destruí-Lo. Para Mateus, nem Deus nem o Espírito são os agentes da tentação. Como afirma Tiago, Deus não tenta ninguém a fazer o mal (Tg 1:13-14). Em outras palavras, Jesus foi ao deserto para se preparar para a missão encomendada por Deus, e o diabo encontrou ali o momento propício para realizar suas ciladas. O diabo tentou destruir Jesus pela primeira vez, sem sucesso, quando Ele ainda era um

bebê (Mt 2:13-23). Nessa cena, Satanás procura fazer o mesmo, embora agora a estratégia que ele usa tenha o objetivo de fazer com que Jesus fracasse na realização do sacrifício messiânico que veio fazer.

Depois de jejuar durante quarenta dias e quarenta noites, Jesus sentiu fome (Mt 4:2). Nesse instante, o diabo, referido por Mateus como o tentador, se aproximou de Jesus, marcando seu primeiro encontro. É importante destacar que o inimigo atacou Jesus no momento de maior debilidade. A necessidade imediata de Jesus tinha a ver com o alimento, e a estratégia satânica procurava encontrar uma brecha mínima para entrar na mente de Jesus. O diabo emprega uma tática parecida ao nos atacar, e é importante levar isso em consideração, em particular quando nos encontramos vulneráveis.

“Se você é o Filho de Deus”, disse o tentador, “mande que estas pedras se transformem em pães” (Mt 4:3). Em grego, a configuração gramatical da frase “se você é” não necessariamente tem uma conotação de dúvida, como se o diabo estivesse dizendo que não cria e, por isso, pedia um sinal. Uma possível tradução seria: “Considerando que é Filho de Deus, você tem o poder para fazer um milagre e saciar sua fome”. Dessa maneira, a declaração do diabo tem o objetivo de que Jesus realize um milagre para benefício próprio, afastando-Se assim da vontade do Pai.

A resposta de Jesus exclui discutir diretamente com o diabo. Jesus não entrou em um debate filosófico ou teológico com o inimigo. Por outro lado, Jesus citou as Escrituras. O fundamento, e o propulsor da argumentação de Jesus se basearam em uma passagem do livro de Deuteronômio (Dt 8:3). Esse versículo é parte de um discurso maior, no qual Moisés recorda a Israel que Deus cuidou deles e os guiou por um período de quarenta anos (Dt 8:2-10). Deus permitiu que eles pasassem fome e depois os alimentou com maná, ensinando-lhes assim que o ser humano não viverá só de pão, “mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Dt 8:3; Mt 4:4).

Em termos históricos, Israel falhou, pois murmurou contra Moisés e Arão, ansiando pelo tempo em que se sentava junto às panelas de carne e comia pão à vontade (Êx 16:2-3). Dessa forma, embora tenha sido tentado nos mesmos termos que Israel, Jesus venceu a tentação, citando a Palavra de Deus. Uma atitude semelhante deve fazer parte de nossa rotina diária.

NÃO TENTARÁS AO SENHOR TEU DEUS (Mt 4:5-7)

A segunda tentação tem um foco similar ao anterior. O diabo leva Jesus a Jerusalém e o põe sobre a parte mais alta do templo (Mt 4:5). A ação do inimigo, que fala (Mt 4:3, 6, 9) e tem a habilidade de transportar Jesus para outro lugar (Mt 4:5, 8), nos fala de um personagem, e não de uma força. Atualmente, existem pessoas que se referem ao diabo como se fosse uma entidade mitológica, que representa o que há de pior no ser humano. No entanto, a cena que estamos estudando nos diz outra coisa. O diabo, também conhecido como Satanás, é descrito por Mateus como uma entidade angelical que promove o mal (Mt 13:39), age como tentador (Mt 16:23) e está destinado a ser destruído (Mt 25:41).

“Se você é Filho de Deus”, disse Satanás a Jesus, “jogue-se daqui, porque está escrito: 'Aos seus anjos ele dará ordens a seu respeito. E eles o sustentarão nas suas mãos, para que você não tropece em alguma pedra’” (Mt 4:6). Notando que Jesus havia citado a Escritura, e Ele havia vencido, o diabo muda de tática e faz uso de alguns versos do Salmo 91 para tentá-Lo (Sl 91:11,12).

No entanto, o diabo cita incorretamente o Salmo 91, omitindo seu contexto global. Embora seja verdade que, no Salmo 91, Deus afirma proteger Seus filhos, quando o lemos em sua totalidade, aprendemos que Deus cuida daquele que depositou sua confiança, ou amor, Nele (Sl 91:14-16). De forma alguma o Salmo é um convite para o crente buscar a adversidade. E, caso Deus permita que o cristão sofra algum tipo de infortúnio, a promessa é que Deus o socorrerá (Sl 91:1-16). Em suma, o diabo novamente tenta Jesus a agir de forma independente, violando a vontade do Pai. O diabo não está questionando a identidade de Jesus como o Filho de Deus, mas sua tentação consiste em incitá-Lo a usar Seu poder e autoridade, tentando assim persuadir Deus a fazer algo que Ele não deveria fazer.

Jesus responde novamente usando as Escrituras (Mt 4:7). E novamente Ele faz alusão ao livro de Deuteronômio (Dt 6:16). No versículo citado, Moisés admoesta Israel a não tentar a Deus como o povo havia feito em Massá (Dt 6:16). Apesar das maravilhas que Deus realizou na presença dos filhos de Israel, eles questionaram se Deus estava realmente com eles, dizendo: "Está o Senhor no meio de nós ou não?" (Êx 17:7). Para Jesus, a tentação do diabo consiste em induzi-Lo a agir de maneira egoísta, tentando obrigar Deus a Se ajustar

aos seus próprios desejos. Portanto, embora Jesus tenha sido tentado de maneira semelhante à de Israel, Ele venceu a tentação citando as Escrituras. Mas, ao contrário do diabo, que distorceu o significado do Salmo 91, Jesus usa a Palavra de Deus corretamente.

O inimigo usa diferentes manobras para nos tentar, e uma dessas táticas compreende empregar textos bíblicos que estão fora de contexto. A única maneira de detectar o erro e saber quando uma passagem está sendo mal utilizada é conhecer o conteúdo das Escrituras. Vale a pena notar que Jesus não tinha um celular à disposição para confirmar ou mencionar o versículo que o diabo citou, e que Ele logo refutou. A disponibilidade das Bíblias na antiguidade, era diferente de hoje. O desafio não se limitava apenas ao valor e ao tamanho, mas as cópias eram feitas à mão, o que resultava em uma produção consideravelmente menor em comparação com o que aconteceu depois da invenção da imprensa.

Como consequência, a memorização das passagens e histórias da Bíblia se transformou em uma parte essencial da vida dos crentes. Embora essa prática tenha diminuído muito devido ao alcance da tecnologia, os cristãos têm o privilégio de viver em uma era em que o acesso ao texto bíblico é incomparável. Vivemos em uma era em que os aplicativos de celular e as traduções da Bíblia são abundantes, podendo inclusive escutá-la de graça. Portanto, não há desculpas para aqueles que levam uma vida agitada. O problema não está no acesso que temos à Bíblia. O problema está em nós mesmos.

ADORE O SENHOR, SEU DEUS (Mt 4:8-11)

Na terceira tentação, o diabo leva Jesus a uma montanha muito alta, de onde ele mostra o esplendor de todos os reinos do mundo (Mt 4:8). Satanás promete a Cristo tudo o que Ele vê, mas diz que primeiro Ele deve Se ajoelhar e adorá-lo (Mt 4:9). O que o diabo promete é simples. Jesus veio resgatar o mundo e agora Ele poderia obter isso sem ter que passar pelo sofrimento da cruz. No entanto, ao fazer isso, Jesus estaria Se submetendo ao poder do inimigo e estaria reconhecendo que o diabo, em vez Dele, seria o senhor e mestre da Terra.

Jesus omite qualquer diálogo ou discussão doutrinária. Afinal, Jesus é o Criador do Universo e desta Terra (Jo 1:1-3, 10; Cl 1:16:17). O diabo se tornou o príncipe deste mundo ao tomar, por meio de engano, o domínio que Deus havia confiado a Adão e Eva (Lc 4:6).

Mas Jesus não pretende debater. Portanto, Ele recorre mais uma vez à arma mais importante de todas: a Bíblia.

Jesus responde dizendo: "Vá embora, Satanás, porque está escrito: 'Adore o Senhor, seu Deus, e preste culto somente a ele'" (Mt 4:10). Jesus, novamente cita o livro de Deuteronômio, especificamente Deuteronômio 6:13. A passagem é parte de um contexto maior, no qual Moisés admoesta os ouvintes a não se esquecerem de Deus e a não seguirem deuses pagãos (Dt 12-14). A partir dessa perspectiva, Jesus desmascara o inimigo, revelando a autoridade falsa que ele fingiu assumir.

Jesus, finalmente, Se submeteu à vontade do Pai e derrotou o inimigo (Mt 4:11). Não nos esqueçamos de que Jesus foi tentado em tudo, como nós (Hb 4:15). É verdade que as tentações que Ele sofreu diferem em forma e conteúdo das nossas. No entanto, o diabo, como mencionado anteriormente, adapta estrategicamente seus ataques. A única salvaguarda que temos é a Palavra. Podemos não ter tempo para assistir ao nosso programa favorito, ou até mesmo dormir um pouco menos, mas o que nunca deve faltar na vida de um cristão é o estudo da Bíblia. Sigamos, então, o conselho de Paulo e tomemos como arma de defesa "a espada do Espírito", que, como ele diz corretamente, representa a palavra de Deus (Ef 6:17).

CONCLUSÃO

A falta de tempo nunca deve ser uma desculpa para não estudar a Bíblia. Jesus utilizou as Escrituras para enfrentar o ataque do inimigo, ensinados que Ele memorizou e armazenou no coração. As artimanhas do inimigo, como vimos, não conseguiram derrotar o "está escrito", demonstrando quão essenciais o estudo e a leitura da Palavra de Deus devem ser em nossas vidas.

CONVITE

Não somos super-heróis, muito menos invencíveis. Pelo contrário, somos pecadores e podemos ser vencidos pela tentação. Oremos a Deus para que nunca percamos nossa conexão com o Deus eterno e decidamos a cada dia estudar Sua Palavra, não apenas para conhecer a verdade, mas também para estar preparados para o dia em que o diabo nos tentar.

TÍTULO: O ÚLTIMO CONVITE PARA VENCER

Texto bíblico:

“Ouvi outra voz do céu, dizendo: ‘Saíam dela, povo meu, para que vocês não sejam cúmplices em seus pecados e para que os seus flagelos não caíam sobre vocês’” (Ap 18:4).

INTRODUÇÃO

A oração de Jesus, “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34), não foi dirigida unicamente em favor dos que O condenaram e crucificaram. O impacto do sacrifício de Jesus, revelado nessa súplica, abrange todos nós hoje, incluindo aqueles que são parte da Babilônia. Antes do retorno de Jesus, o povo remanescente tem a tarefa de avisar os habitantes da Babilônia que eles devem deixá-la para não serem cúmplices de seus pecados e para evitar sofrer as consequências dos flagelos que cairão sobre eles (Ap 18:4).

O que foi dito anteriormente é uma evidência palpável do amor de Deus; já que, como dizem as Escrituras, não é que o Senhor está tardando em cumprir o que prometeu, “pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe 3:9). Hoje estudaremos o capítulo 18 de Apocalipse, com foco na missão do remanescente, bem como na queda e na destruição da Babilônia (Ap 18:1-24).

A QUEDA DA BABILÔNIA (Ap 18:1-3)

Em Apocalipse 18, João continua descrevendo o juízo e a destruição da grande Babilônia, iniciado no capítulo anterior. Embora em ambos os capítulos João se refira à mesma entidade, em ambos os capítulos, a Babilônia é descrita por lentes diferentes. Enquanto em Apocalipse 17 João usa a imagem de uma prostituta para se referir

à Babilônia (Ap 17:1-6, 18), em Apocalipse 18 João a descreve como uma cidade economicamente poderosa (Ap 18:9-19). Apesar dessas diferenças, a entidade descrita é a mesma: “Babilônia, a Grande, a Mãe das Prostitutas e das Abominações da Terra” (Ap 17:5).

Ao começar o capítulo, João vê outro anjo descer do Céu com grande poder (Ap 18:1). A identificação desse anjo com o adjetivo “outro”, indica que o ser mencionado em Apocalipse 18 não é o mesmo anjo que serviu de guia e intérprete na seção anterior (Ap 17:1, 7). A tarefa desse “outro” anjo consiste em continuar e reforçar a missão iniciada pelos três anjos de Apocalipse 14 (Ap 14:6-11) e, em particular, explicar com profundidade o conteúdo da segunda mensagem (Ap 14:8). Isto é, descrever a queda da Babilônia (Ap 14:8; 18:2).

A segunda mensagem angélica declara que a Babilônia caiu e a acusa de fazer “com que todas as nações bebessem o vinho do furor da sua prostituição” (Ap 14:8). O prenúncio traz à mente as palavras do profeta Jeremias, que denuncia que o vinho da Babilônia embebedava e atordoava os povos da Terra (Jr 51:7). O ato de beber e o foco dado aos atos sexuais ilícitos destacam os ensinamentos espúrios da Babilônia, descrevendo como inimiga da verdade (Ap 17:1-2). Isso significa que a imagem da Babilônia em Apocalipse representa a religião falsa e apóstata organizada; elementos que João desenvolverá em Apocalipse 18.

O quarto anjo que desce do Céu o faz com grande poder, a ponto de iluminar a Terra com seu brilho (Ap 18:1). As circunstâncias sombrias em que os habitantes da Terra se encontrarão nos últimos tempos, e que são descritas por João em capítulos anteriores (Ap 13:11-18), nos permitem entender que a função desse “outro” anjo consiste em proclamar a mensagem final de Deus para a humanidade. Enquanto o inimigo mantém o mundo na mais escura treva doutrinária, a mensagem desse quarto anjo virá para iluminá-lo e libertá-lo das mentiras e enganos da Babilônia.

A responsabilidade de dar esse aviso final recairá sobre o remanescente, que, em meio a experiências angustiantes, terá a difícil tarefa de abrir os olhos cegos de um mundo confuso pelos ensinamentos da Babilônia. João acentua a importância da quarta mensagem ao apontar que o ser angelical “exclamou com potente voz” (Ap 18:2). Ou seja, o anjo gritará tão alto que ninguém poderá afirmar não ter escutado. Isso significa que, no tempo do fim, todos, sem exceção,

ouvirão e estudarão a verdade bíblica. Consequentemente, quando chegar o momento do julgamento, ninguém poderá se desculpar dizendo que não estava ciente do que a Bíblia ensina.

A proclamação dada pelo quarto anjo declara que a Babilônia caiu, acrescentando, como já mencionado, ao que foi dito pelo segundo anjo (Ap 14:8). A imagem da queda da Babilônia, bem como outras metáforas elaboradas em Apocalipse 18, evocam oráculos do Antigo Testamento, e a destruição da Babilônia é uma delas (Is 21:9; Jr 51:8). Essa é uma queda espiritual, bem como política. Os elementos religioso (Ap 18:2) e mundano (Ap 18:3) estão presentes na descrição do anjo, o que nos dá um vislumbre da razão pela qual a Babilônia cairá e será julgada.

O elemento religioso de Babilônia é observado ao notar que ela se transformou em uma morada de demônios, bem como uma habitação e abrigo de espíritos imundos e aves imundas (Ap 18:2). As metáforas expressas na acusação, e que foram extraídas em particular do profeta Isaías (Isaías 13:11-22; 14:23), destacam o conteúdo falso e destrutivo que a Babilônia proclama. Os ensinamentos dos demônios abrangem tudo o que a Bíblia proíbe, tendo como único propósito se opor ao que Deus estabelece em Sua Palavra. Por exemplo, doutrinas que promovem a imortalidade da alma ou que buscam anular o sacerdócio de Jesus no santuário celestial, substituindo-o pela missa ou pelo confessionário, não são bíblicas, mas foram construídas nas fornalhas da Babilônia.

Da mesma forma, o componente político e mundano da Babilônia surge ao reparar a aliança que ela manteve com os reis e comerciantes da terra (Ap 18:3). Os reis, por um lado, fornicaram com ela, destacando a união entre religião e estado. Os mercadores, por sua vez, enriqueceram às custas de seus luxos sensuais (Ap 18:3), destacando o caráter secular da Babilônia. Em ambos os casos, a Babilônia revela a essência do que ela realmente é: uma organização falsa e apóstata.

O CONVITE PARA SAIR DA BABILÔNIA (Ap 18:4-8)

Em meio às provações e aflições que se seguirão (Ap 13:11-18), o povo de Deus será chamado para revelar publicamente o verdadeiro caráter da Babilônia (Ap 17:1-6; 18:1-3). Juntamente com isso, o povo remanescente tem a missão de convidar os habitantes metafóricos

da Babilônia a saírem dela (Ap 18:4). O que é impressionante é que a voz que proclama essa exortação chama os habitantes da Babilônia de “povo meu” (Ap 18:4). Da mesma forma que no Antigo Testamento Deus admoestou os filhos de Israel a saírem da Babilônia e voltarem a Jerusalém (Is 48:20; Jer 50:8), o Senhor faz o mesmo com aqueles homens e mulheres honestos e fiéis que fazem parte da cidade apóstata.

É por isso que o Senhor os chama de “povo meu”, pois o Senhor conhece o coração e a vida daqueles que ainda não decidiram sair da Babilônia. Não conhecemos as intenções do coração humano, muito menos podemos julgar o que se passa na mente das pessoas. O livro de Provérbios ilustra perfeitamente isso, ao dizer: “Todos os caminhos de uma pessoa são puros aos seus próprios olhos, mas o Senhor sonda o espírito” (Pv 16:2). O ato de “sondar o espírito” revela que o Senhor é o único que julga os corações dos seres humanos (Pv 21:2); e, portanto, Ele tem o poder de determinar a sinceridade e a honestidade dos que vivem, talvez por ignorância, dentro das muralhas da Babilônia.

O chamado que Deus faz aos que ainda estão na Babilônia tem o objetivo de eximi-los dos pecados pelos quais essa cidade será julgada (Ap 18:4). Os pecados da Babilônia chegaram ao Céu, e a paciência do Senhor está prestes a acabar (Ap 18:5). A primeira tentativa de independência divina que os seres humanos fizeram após o dilúvio foi construir uma cidade e uma torre cujo topo chegasse ao céu (Gn 11:1-4). Essa torre, chamada Babel (Gn 11:9), é um exemplo claro do que significa contrariar a ordem divina (Gn 8:16-17), estabelecendo intenções e objetivos centrados no eu. Esse é, com certeza, um dos tantos crimes da Babilônia, que exclama de maneira arrogante: “Estou sentada como rainha. Não sou viúva. Nunca saberei o que é pranto!” (Ap 18:7).

O fato de que os pecados da Babilônia “acumularam-se até o céu” (Ap 18:5, Nova Versão Internacional) nos indica que a paciência de Deus tem um limite. Embora seja verdade que “a paciência de nosso Senhor significa salvação” (2Pe 3:15), não é menos certo que um dia Jesus virá, e “os céus passarão com grande estrondo, e os elementos se desfarão pelo fogo. Também a terra e as obras que nela existem desaparecerão” (2Pe 3:10). Naquele dia, o Senhor dará “vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus”, sofrendo “penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder” (2Ts 1:8,9).

O convite do Senhor também busca dispensar os homens e mulheres sinceros que habitam na Babilônia dos castigos que a cidade sofrerá (Ap 18:4). Não está longe o dia em que a vingança e a retribuição do Senhor serão manifestadas (Dt 32:35; Rm 12:19), e será nesse momento que as palavras do anjo serão cumpridas contra a Babilônia: “Retribuam-lhe na mesma moeda; paguem-lhe em dobro pelo que fez; misturem para ela uma porção dupla no seu próprio cálice” (Ap 18:6, NVI).

Isso envolve reconhecer que a Babilônia será punida na proporção dos crimes que cometeu (Jr 50:15, 29). E isso não será parcial, pois sua condenação é de caráter total, recebendo em um só dia pragas, morte, pranto, fome e fogo (Ap 18:8, veja também 18:10, 19). Deus não tem prazer em executar o julgamento, muito menos em contemplar a angústia e a morte dos inimigos de Deus. Longe de desejar isso, o Senhor quer que os injustos creiam e se arrependam (2Pe 3:9). Esse ponto é claramente exemplificado por Ezequiel, que afirma: “Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva. Convertam-se! Convertam-se dos seus maus caminhos! Por que vocês haveriam de morrer, ó casa de Israel?” (Ez 33:11, Nova Almeida Atualizada).

Devemos dar graças a Deus porque Ele é paciente e não quer que ninguém pereça (2Pe 3:9). Embora o Senhor odeie o pecado, Ele ama o pecador. É importante não nos confundirmos ao aplicar essa frase em nossa vida como missionários da causa. Ao pregar, não esqueçamos que Deus ama os pecadores e quer que eles saiam da Babilônia.

A CONDENÇÃO DA BABILÔNIA (Ap 18:9-24)

João descreve a destruição da Babilônia fazendo-nos espectadores do evento. Por um lado, observamos como os reis das nações, e que foram seus amantes, choram e lamentam sua destruição (Ap 18:9). É até possível ver através dos olhos dos reis da Terra como a Babilônia é queimada e escutar o pranto e lamento audível que eles expressam ao ver o fim da grande cidade (18:9, 10).

Podemos fazer o mesmo participando da dor que os mercadores da Terra declaram sentir ao verem como a Babilônia é consumida pelo fogo. Os comerciantes choram, “porque ninguém mais compra a sua mercadoria” (Ap 18:11-15). Eles se beneficiaram economicamente,

dando a entender com isso que foram parte do sistema apóstata, e se aproveitaram vendendo uma religião sem graça e sem Cristo. Estes, assim como os reis da Terra, exclamam abertamente, em clara desconsolação, a destruição da Babilônia, lançando pó sobre suas cabeças em sinal de aflição (Ap 18:16-19).

É importante recordar que essa descrição metafórica que retrata o fim da Babilônia visa criar uma reação de espanto entre aqueles que habitam a cidade, e que Deus chama de “povo meu” (Ap 18:4). O barulho e a luz que caracterizam a falsa cidade um dia deixarão de existir, pois a cidade “nunca mais será achada” (Ap 18:21-23). Em outras palavras, a advertência divina busca dar aos filhos e filhas de Deus uma opinião informada sobre o que acontecerá com a cidade (Ap 18:21-24) e, portanto, com aqueles que nela habitam.

Pelo contrário, o que Deus deseja é que Seu povo rompa em vozes de alegria e gritos de triunfo porque Deus finalmente fez justiça (Ap 18:20). O convite é não ser parte do grupo que se lamenta pela destruição de Babilônia, mas por aqueles que se alegram em vê-la desolada (Ap 18:21-24). Isso porque Deus tem preparada uma cidade melhor, que, conforme a promessa, descende do Céu, e de Deus: a nova Jerusalém (Ap 21:9, 10).

CONCLUSÃO

Os perdidos ainda têm esperança. Incluindo os que habitam metaforicamente na Babilônia. Chegará um dia em que todos, sem exceção, escutarão a verdade bíblica e serão chamados a sair da Babilônia. A resposta que cada um dará é pessoal e está enquadrada na liberdade de decisão que todo ser humano tem e desfruta. Nosso objetivo, como crentes, é proclamar. Portanto, o remanescente tem uma missão a cumprir, e essa tarefa inclui a proclamação dos pecados da Babilônia ao mundo.

CONVITE

Agradeçamos a Deus, que nos chamou para fazer parte deste povo e nos fez participantes desta verdade maravilhosa. Oremos para permanecer fiéis e, ao mesmo tempo, para ser luminares em um mundo escuro. Finalmente, oremos para que, com amor e carinho, chame-mos aqueles que moram na Babilônia para sair dela.

TÍTULO:

VENCENDO DIA A DIA

Texto bíblico:

“Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e combate com justiça” (Ap 19:11).

INTRODUÇÃO

O livro de Daniel nos ensina que no tempo do fim os filhos e filhas de Deus viverão um tempo de angústia “como nunca houve desde o início das nações” (Dn 12:1, Nova Versão Internacional). Mas não devemos ter medo, pois será o próprio Jesus, que Daniel chama de Miguel, que Se levantará para lutar por Seu povo (Dn 12:1).

A boa notícia é que Jesus nos defende e nos livrará daquele tempo de angústia. A vitória está garantida. Jesus venceu Satanás na cruz, e estamos esperando ansiosamente o retorno do nosso libertador (Lc 10:18; Jo 12:31; 16:11). O livro de Apocalipse, especialmente o capítulo 19, expõe em termos gerais como essa libertação ocorrerá (Ap 1:7; 14:14-20; 19:11-21). Hoje, estudaremos parte do capítulo 19 do Apocalipse (Ap 19:11-21), fazendo uma breve menção do contexto que o rodeia.

O FIEL E VERDADEIRO (Ap 19:11, 12)

A cena que estudaremos descreve os eventos que acontecerão na segunda vinda de Jesus (Ap 19:11-21). A primeira vez que João menciona a segunda vinda é em Apocalipse 1:7, onde declara: “Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele”. O uso que João faz das nuvens e a afirmação de que aqueles que O mataram ou foram culpados ressuscitarão para presenciar Seu regresso são encontrados nos evangelhos sinópticos (Mt 24:30, 26:64; Mc 13:26, 14:62). Esse vínculo expõe a relação e o acordo que existe

entre os livros da Bíblia, assim como também destaca que a segunda vinda de Jesus é parte integrante da esperança cristã (1Ts 4:13-5:11).

A primeira coisa que João vê é um céu aberto e um cavaleiro em um cavalo branco que se aproxima dele (Ap 19:11). O foco inicial da descrição está em Jesus, a quem João chama de Fiel e Verdadeiro (Ap 19:11). A expressão “Fiel e Verdadeiro” ocorre previamente na seção das sete igrejas, especificamente na carta enviada à igreja Laodiceia (Ap 3:14). Laodiceia compreende a última fase da história do povo de Deus, e é correto dizer que o Fiel e Verdadeiro virá quando os dias desta comunidade chegarem ao fim.

É importante destacar que Jesus é fiel e verdadeiro, porque Seu agir é reto, autêntico e leal (Ap 1:5; 2:10, 13; 16:7; 19:2). É por essa razão, efetivamente, que Ele “julga e combate com justiça” (Ap 19:11). Vale a pena lembrar que os juízos e caminhos do Senhor são verdadeiros e justos (Ap 6:10; 15:3; 19:2). Por causa disso, podemos descansar na promessa de que Ele não esquece e não esquecerá Seu povo (Ap 6:10), e que o libertará no momento oportuno (Dn 12:1).

A descrição que João faz de Jesus também inclui alguns detalhes de Sua aparência física. A primeira coisa que notamos é que Jesus tem olhos como uma chama de fogo, uma imagem que ocorre, juntamente com outros detalhes, na revelação que Ele faz de Si mesmo no início do livro (Ap 1:14). Essa representação visa enfatizar a onisciência do Senhor, evidenciando a capacidade de Jesus de conhecer e julgar com justiça. Nada pode ser escondido diante do Senhor, e ninguém pode escapar do olhar de Jesus.

A cabeça de Jesus foi coroada com diademas. O termo “diadema”, na literatura grega, é um símbolo de realeza e autoridade, e são esses dois conceitos que a imagem de Jesus em Apocalipse 19 procura enfatizar (Ap 19:12). É importante observar que o dragão escarlate do capítulo 12 é descrito com sete diademas (Ap 12:3). O mesmo pode ser dito sobre a besta que subiu do mar, que tinha diademas sobre seus chifres (Ap 13:1). É fundamental enfatizar que o dragão, uma representação de Satanás no Apocalipse (Ap 12:9), e a besta do mar, um símbolo do poder papal (Dn 7:8, 20-21; Ap 13:1-8), personificam a tentativa de Satanás de usurpar a autoridade divina.

Nessa perspectiva, os diademas na cabeça de Jesus destacam a superioridade de Jesus sobre todos os poderes da Terra, inclusive os espirituais, o que ressalta que aquele que virá é o "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap 17:14; 19:16).

Outro aspecto notado por João é que Jesus “tem um nome escrito que ninguém conhece, a não ser ele mesmo” (Ap 19:12). Porém, João revelará o nome e os qualificadores de Jesus no verso seguinte (Ap 19:13). Contudo, os nomes e as credenciais expostos posteriormente estabelecem as funções do Senhor e realçam os atributos divinos de Cristo. Dessa maneira, ao posicionar o nome de Jesus depois, João provavelmente tem o objetivo de mostrar que a identidade de Jesus será plenamente revelada em Sua vinda e será então, só então, que os justos conhecerão o nome e os títulos de Jesus em sua totalidade (Ap 19:13, 16).

O VERBO DE DEUS (Ap 19:13-15)

João diz que a roupa de Jesus estava encharcada de sangue (Ap 19:13). Embora a batalha da qual Cristo participará ocorra na segunda parte da narrativa, o fato de as roupas de Jesus estarem manchadas de sangue antes de a batalha ocorrer indica que Jesus já triunfou. A vitória de Jesus sobre o inimigo é um fato concreto e é a esperança de todo cristão (Jo 12:31; 16:11). Essa conquista alcança todos os habitantes do planeta em que vivemos, por quem Jesus veio morrer para dar a vida eterna, e essa dádiva nos inclui (Jo 3:15-21; Rm 5:6-11).

Além disso, é importante notar que Jesus “pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso” (Ap 19:15). A referência bíblica que vincula essa cena com a anterior provém de Isaías, que retrata o Senhor como um guerreiro cuja vestimenta está manchada de sangue porque Ele destruiu os ímpios no dia da vingança (Is 63:1-6). No entanto, João já havia antecipado esse cenário alguns capítulos antes, onde se observa como a colheita é ceifada, e as uvas lançadas “no grande lagar da ira de Deus” (Ap 14:19).

A natureza dramática e sangrenta dessa descrição ocorre no final da cena, quando aprendemos que, depois que o lagar é pisoteado, “correu sangue do lagar, chegando até a altura dos freios dos cavalos, numa extensão de cerca de trezentos quilômetros” (Ap 14:20).

Sem dúvida, a metáfora evoca um ato judicial e de castigo, e permite conectar as roupas de Jesus com o lagar divino. Conseqüentemente, Jesus entra na batalha com as credenciais de um vencedor. Agradecemos a Jesus por isso, pois Ele Se encarnou, tomou nosso lugar e venceu.

Um detalhe vital é observar que a espada, como João nos informa, não está nas mãos de Jesus, mas sai de Sua boca. E aprendemos que é com ela que Jesus ferirá as nações (Ap 19:15). Já no primeiro capítulo do livro, João nos diz que da boca de Jesus “saía uma afiada espada de dois gumes” (Ap 1:16). O efeito figurativo dessa imagem repetida nos convida a refletir que é Jesus, e não nós, quem luta nesse grande conflito e triunfa. Jesus é o Deus todo-poderoso que defende Seu povo (Êx 15:3; Is 42:13) e Aquele que nos livrará no tempo de angústia que se aproxima (Dn 12:1).

João nos revela que o nome de Jesus é “A Palavra de Deus” (Ap 19:13). O verbo qualificador, ou Palavra, ocorre tanto no evangelho de João (Jo 1:1) quanto na primeira carta que o próprio João escreveu (1Jo 1:1). Em ambos os casos, o substantivo se refere a Jesus, o que enfatiza Sua encarnação e existência eterna (Jo 1:1, 14; 1 Jo 1:1; 5:20). Visto dessa forma, o guerreiro que lidera as hostes angelicais é Jesus, “o Deus unigênito, que está junto do Pai” (Jo 1:18, NAA). Ou seja, Aquele que “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14).

Os exércitos celestiais que O acompanham seguem-No em cavalos brancos e estão “vestidos de linho finíssimo, branco e puro” (Ap 19:14). É notável como João estabelece uma diferença entre a cor da roupa de Jesus e as roupas dos cavaleiros que cavalgam junto a Ele. Enquanto Jesus usa roupas tingidas de sangue, os exércitos usam vestes brancas. Essa distinção tem a intenção de enfatizar que a vitória foi conquistada por Jesus, e não por aqueles que O acompanham.

É vital nos protegermos contra o falso evangelho que proclama uma salvação centrada no ser humano e desprovida da graça divina. É oportuno lembrar que a salvação é um dom (Ef 2:8) e que todos os nossos atos de justiça são como trapos de imundície (Is 64:6). Pois, como está escrito: “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus. Todos se desviaram e juntamente se tornaram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3:10-12).

REI DOS REIS, E SENHOR DOS SENHORES (Ap 19:16-21)

João nos diz que Jesus também recebe outro nome: "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap 19:16). Esse nome está escrito em Suas roupas e em Sua coxa, o que revela a identidade divina de quem o carrega. No livro de Deuteronômio, o qualificativo é aplicado ao Deus eterno, o Senhor, que é "Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível" (Dt 10:17; ver também 1Tm 6:15). Essa é a identidade revelada do guerreiro, cujo nome será tornado conhecido quando Jesus, o Rei dos reis, retornar em glória e majestade.

Ao retratar a segunda vinda de Jesus, o Apocalipse utiliza uma linguagem metafórica para descrever o enfrentamento e o destino dos inimigos de Deus. Em primeiro lugar, a derrota dos ímpios recebe o nome de "a grande ceia de Deus" (Ap 19:17). Os convidados para essa ceia são as aves que voam no meio do céu e que um anjo convoca para que desçam para comer "carne de reis, carne de comandantes, carne de poderosos, carne de cavalos e seus cavaleiros, carne de todos, quer livres, quer escravos, tanto pequenos como grandes" (Ap 19:18).

A cena tem a intenção de advertir homens e mulheres que vivem longe de Deus e convidá-los a imaginar vividamente o que acontecerá com eles se não se arrependem. Além disso, a descrição mostra como, no julgamento divino, não há distinção de classe política ou social. Isso implica que a única distinção que será feita no fim dos tempos terá a ver com o fato de termos estado do lado de Jesus ou de termos seguido os ditames da besta (Ap 7:9-17; 14:10-11).

É por causa disso que, antes de revelar essa representação sangrenta, João registra as palavras de um anjo que nos convida a participar da ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19:9). É possível, inclusive, ouvir a voz dos que louvam a Deus no Céu, que clamam em grande voz: "Alegramo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque chegou a hora das bodas do Cordeiro, e a noiva dele já se preparou" (Ap 19:7). Eu e vocês fomos convidados para participar desse jantar, e não para fazer parte do lanche das aves de rapina (Ap 19:17, 18).

Os inimigos de Deus são identificados por João como a besta e os reis da Terra, que lutam junto aos seus exércitos (Ap 19:19). Todos eles se reúnem "para fazer guerra contra aquele que estava montado

no cavalo e contra o seu exército” (Ap 19:19). Entretanto, conforme previsto anteriormente por João, embora os inimigos do Senhor se levantem para lutar contra o Cordeiro, “o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; serão vencedores também os chamados, eleitos e fiéis” (Ap 17:14).

E, de fato, é isso que finalmente acontece. Enquanto a besta e o falso profeta são presos e lançados em um lago de fogo que arde com enxofre, os reis e seus exércitos são mortos “com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes” (Ap 19:21). É importante destacar que a besta e o falso profeta são os mesmos personagens que perseguem e angustiam o povo de Deus no tempo do fim (Ap 13:1-8, 11-18). A união babilônica, da qual essas duas bestas fazem parte, ataca a liberdade de consciência dos filhos e filhas de Deus, forçando-os a receber uma marca (Ap 13:15-17; 14:10-11; 19:20). É nesse contexto que a vinda de Jesus acontece, mostrando-nos que é o Senhor que cuida e libertará Seu povo.

CONCLUSÃO

No tempo do fim, o povo de Deus será exposto a um tempo de angústia, “como nunca houve desde o início das nações até então” (Dn 12:1, NVI). Será Jesus, a Palavra e Rei dos reis, que libertará o povo de Deus daquela tribulação. É importante destacar que Jesus já venceu e que os filhos e filhas de Deus receberão o dom da salvação devido ao sacrifício de Cristo.

CONVITE

O regresso de Jesus é a única esperança que nós, os crentes, possuímos e que nos convida a ansiar por esse dia. Aliás, a vinda de Jesus é o único evento que terá o poder de acabar com a aflição que hoje e no futuro, ainda mais vividamente, experimentaremos todos os dias. Oremos, não apenas para estar preparados para esse dia, mas também para que Jesus venha logo (Mt 6:10; Lc 11:2).

TÍTULO:

VENCEDOR PARA SEMPRE

Texto bíblico:

“E lhes enxugará dos olhos toda lágrima. E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21:4).

INTRODUÇÃO

O relato que narra a queda da humanidade no pecado, registrado em Gênesis, é uma lembrança constante daquilo que Deus não havia planejado e que se tornou, por defeito, a única realidade que conhecemos (Gn 3:1-24). As consequências que a desobediência do primeiro casal humano trouxe a este mundo são diversas. A separação da presença de Deus (Gn 3:24), os conflitos no lar (Gn 3:12-13; 4:1-7) e a morte (Gn 3:21; 4:8) são só alguns dos efeitos do pecado que estão presentes no dia a dia que vivemos.

No entanto, Deus tinha um plano distinto para a humanidade (Gn 1:26-29; 2:8-15). Isso porque nunca foi plano de Deus que habitássemos em uma terra amaldiçoada pelo pecado (Gn 3:14-15, 17-19), lugar em que reinam a dor, a doença (Gn 3:16) e as dificuldades laborais (Gn 3:17-19). A única esperança que existe para este mundo é Jesus retornar e restaurar todas as coisas. Hoje, o último dia da nossa série, estudaremos o significado e os alcances dessa nova criação. Para isso, examinaremos os dois últimos capítulos do Apocalipse, observando o ressurgimento do paraíso que nossos pais perderam no Éden. E, como Deus afirma, ver como o pecado e suas consequências não existirão mais (Ap 21:1-22:5).

E O MAR JÁ NÃO MAIS EXISTIRÁ (Ap 21:1)

João teve o grande privilégio de ver a Terra restaurada. “E vi”, declara João, “novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram” (Ap 21:1). Embora o firmamento e a Terra tenham sido

criados por Deus (Gn 1:7-10) e fossem muito bons para Ele (Gn 1:31), João faz alusão ao fato de que ambos representam a criação deformada pelo pecado (Gn 3:17) e, portanto, deixarão de existir (Ap 21:1).

Então, nossa esperança deve ser colocada sobre o adjetivo “novo”; palavra que não deve ser entendida no sentido de reciclagem ou remodelação. Deus não esconderá as falhas deste mundo nem varrerá para debaixo do tapete a poeira que ninguém quer ver. É uma recriação e, portanto, algo novo, como o que foi perdido no Éden. Por essa razão, Pedro afirma que, quando Jesus voltar, “os céus passarão com grande estrondo, e os elementos se desfarão pelo fogo. Também a terra e as obras que nela existem desaparecerão” (2Pe 3:10). Tudo será destruído! Portanto, o que esperamos, e que faz parte da promessa divina, são “novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça” (2Pe 3:13).

Vale a pena ressaltar, em vista do que foi dito previamente, que a esperança da restauração futura não ocorrerá imediatamente por ocasião da vinda de Jesus. Jesus virá, levará os redimidos ao Céu (1Ts 4:13-17) e destruirá nosso planeta (2Pe 3:10-13). A segunda vinda, João nos diz, dá início ao que conhecemos como milênio, onde os justos “serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos” (Ap 20:6). Então, depois do milênio (Ap 20:1-15), o planeta será recriado, e a promessa de um novo céu e uma nova terra será cumprida (Ap 21:1-22:5).

As consequências do pecado sobre a Terra são inúmeras. Enquanto algumas partes do planeta são destruídas por enchentes, tornados e tsunamis, outras sofrem com secas e terremotos. A promessa de um novo céu e uma nova terra nos incentiva a depositar nossa esperança na recriação futura. E, em particular, ela nos motiva a ansiar pela vinda de Jesus em breve, a fim de iniciar a restauração de todas as coisas (Atos 3:21).

Na recriação do planeta, e no contexto da destruição da antiga ordem, João vê que “o mar já não existia” (Ap 21:1). Considerando que o firmamento, a terra e os oceanos foram criados por Deus (Gn 1:6-10), é difícil pensar que o mar, que Deus qualifica como bom na criação (Gn 1:10), desaparecerá. É provável, portanto, que essa imagem no Apocalipse seja uma referência ao mar, ou abismo, de onde surgem os poderes que procuram prejudicar o povo de Deus (Ap 9:1, 2; 11:7;

13:1; 17:8; 20:1, 3). Nesse sentido, a expressão “o mar já não existe” tem a intenção de destacar que na nova terra o mal terá deixado de existir; por isso, os justos poderão descansar em paz.

Por outro lado, o mar também pode funcionar como um símbolo de separação. A ilha de Patmos, local para onde João havia sido exilado (Ap 1:9), era um lugar rochoso cercado pelas águas do Mar Egeu. Para ele, como pode ser para alguns de nós, o mar representava a cisão que existia entre ele e seus entes queridos. Assim, ao dizer que na nova Terra não haverá mar, João estava tentando enfatizar que os redimidos nunca mais experimentarão o triste sentimento de separação. Em outras palavras, a promessa divina é que nunca mais diremos adeus.

Esse é um dos tantos "não mais" do Senhor no Apocalipse. O pecado trouxe separação, caos, destruição e conflitos. A promessa é que, em um dia, que não está muito longe, o "mar", como um símbolo do mal e da distância, deixará de existir.

E A DOR JÁ NÃO MAIS EXISTIRÁ (Ap 21:4, 5)

O pior adeus que vivemos hoje é aquele que dizemos quando alguém que amamos morre. Mesmo que tenhamos fé na promessa da ressurreição, ainda assim sofremos quando perdemos nossos pais, filhos, cônjuges ou amigos e, principalmente, quando refletimos que, no tempo que nos resta de vida, não poderemos desfrutar de sua companhia.

Entretanto, a esperança é que Deus enxugue as lágrimas dos olhos daqueles que habitarão na Nova Terra (Ap21:4), onde “já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21:4). João ouviu essa promessa viva do Céu (Ap 21:3), enfatizando, assim, que seu cumprimento é certo. Vale a pena lembrar que a aflição, em todas as suas formas, começou no Éden, após a queda (Gn 3:1-4:16). O plano original era que a humanidade vivesse para sempre, não sofresse de doenças e enfermidades nem tivesse uma vida miserável (Gn 1:26-29; 2:8-15).

Foi o pecado que ocasionou a ruína da humanidade. É por isso que, depois de enumerar as ansiedades que você e eu experimenta-

mos no dia a dia, a voz que João ouve insiste, novamente, que essa ordem de coisas deixará de existir (Ap 21:4). Isso nos lembra que você e eu, como afirmam as Escrituras, seremos transformados em um instante, em um abrir e fechar de olhos, e nossos corpos serão revestidos de imortalidade (1 Cor 15:51-55). Em outras palavras, a morte será destruída (1Co 15:54; Ap 20:14), e, conseqüentemente, as lágrimas, o luto e a tristeza serão totalmente eliminados, para nunca mais surgirem (Ap 20:4).

A vitória que os redimidos desfrutarão na nova Terra se dá pelo triunfo de Jesus na cruz (1Co 15:56-57). Embora o avanço da ciência médica nos últimos anos tenha sido, sem dúvida, benéfico para o ser humano, não existe remédio que cure a doença da morte. É unicamente graças a Jesus, que derrotou Satanás no calvário, que um dia, revestidos de imortalidade (1Co 15:54), estaremos para sempre com o Senhor (1Ts 4:17).

O texto acima descreve a preocupação do Senhor com o sofrimento humano; sofrimento que pode se manifestar ao contemplar a morte, o choro e o luto (Ap 12:4). É apropriado observar que o cuidado divino com Seus filhos é mencionado pela primeira vez em Apocalipse 7. Ali lemos que aquele que se assenta no trono estará presente para protegê-los, e “jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem qualquer outro calor forte” (Ap 7:16). Além disso, percebemos que Jesus os pastoreará, conduzindo-os a fontes de águas vivas e “[...] Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima” (Ap 7:17).

Isso implica que a promessa do Senhor em Apocalipse inclui "outras" dores, e não apenas aquelas que sofremos por causa da morte. A única maneira de acabar com esses males é Deus recriar este mundo, o que é claramente afirmado por Aquele que está sentado no trono, que diz: “Eis que faço novas todas as coisas.” (Ap 21:5). Essa esperança, cujas “palavras são fiéis e verdadeiras” (Ap 21:5), é a base sobre a qual são construídos o novo céu e a nova Terra que João viu (Ap 21:1), servindo de garantia e certeza de que Deus recriará “todas as coisas” (Ap 21:5).

A recriação deste mundo, portanto, não afetará somente a natureza, mas também o ser humano, que nunca mais experimentará a

separação que a morte, que, como um inimigo cruel, irrompe no seio das famílias. É fundamental recordar que essa promessa se soma ao resto dos outros "não mais" pronunciados pelo Senhor no livro do Apocalipse, convidando-nos a refletir que na nova Terra não haverá mais separação, caos, fome, nem calor, frio ou morte.

E A MALDIÇÃO NÃO MAIS EXISTIRÁ (Ap 22:1-5)

João contempla a descida na nova Jerusalém (Ap 21:2, 9-10) e descreve em detalhes as belezas da cidade (Ap 21:12-25). A descrição que João faz do brilho, dos alicerces, materiais, muros e portas (Ap 21:11-21), não se compara com o fato de que ela não terá templo, pois “o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro” (Ap 21:22). Além disso, a cidade não “precisa do sol nem da lua para lhe dar claridade, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada” (Ap 21:23). Os redimidos, por fim, terão livre acesso, uma vez que “seus portões jamais se fecharão de dia, pois nela não haverá noite” (Ap 21:25).

João também viu um rio de água viva, brilhante como o cristal, procedente do trono de Deus e do Cordeiro, o qual corria pelo meio da cidade (Ap 22:1-2). Localizada em cada lado do rio, estava a árvore da vida, “que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês” (Ap 22:2). A última vez que um ser humano viu e pôde tocar a árvore da vida foi no Éden, especificamente antes de Adão e Eva desobedecerem (Gn 2:9; 3:22). Para evitar que o casal comesse da árvore e vivesse para sempre, Deus os expulsou do Éden, e, desde então, nosso contato com a árvore tem sido meramente teórico. Um dia isso mudará. O Senhor promete que, uma vez que a Terra seja recriada, aqueles que escolheram acreditar em Jesus e ser fiéis terão o privilégio de entrar pelos portões da cidade e comer do fruto da árvore da vida (Ap 22:14).

Ao final do relato, João menciona os dois últimos "não mais" do Senhor: Não haverá mais maldição (Ap 22:3), e não haverá mais noite (Ap 22:5). Vamos começar com o primeiro. A primeira a receber a maldição do pecado foi a serpente (Gn 3:14), que foi o instrumento usado por Satanás para enganar Eva (Gn 3:1-7). A segunda foi a terra,

que produziria espinhos e cardos, tornando o trabalho do homem penoso e difícil (Gn 3:17-19). No entanto, a boa notícia é que a maldição do pecado será removida, e, com ela, o exílio que nos foi imposto chegará ao fim. Os redimidos terão a oportunidade de estar perto do trono de Deus e do Cordeiro, que estarão na cidade (Ap 22:3), e poderão ver a face do Senhor (Ap 22:3-4). Em outras palavras, o exílio terminou, de modo que a raça humana pode retornar ao verdadeiro lar, aquele que foi originalmente construído para ela: o novo Éden.

O segundo “não mais” do Senhor é que na nova Jerusalém não existirá “noite” (Ap 22:5). Essa característica da cidade, anunciada em algumas cenas anteriores (Ap 21:23, 25), se deve ao fato de que os redimidos “não precisarão de luz de lamparina, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles” (Ap 22:5). O Senhor, o Criador da luz e dos luzeiros celestes (Gn 1:3, 14-18), não precisa delas ou de meios artificiais para iluminar a cidade. A presença de Deus supera qualquer tipo de luz, e é sob a proteção dessa luz que os redimidos reinarão com o Senhor para todo o sempre (Ap 22:5).

CONCLUSÃO

A restauração da humanidade é o único caminho que existe para este mundo manchado e destruído pelo pecado. O Senhor virá e nos promete que, depois do milênio, aquilo que perdemos no Éden será restaurado. Não haverá mais caos e separação, e a maldição que o pecado trouxe será completamente erradicada. Jesus venceu, e a justiça que Seu sacrifício concede a todos nós, que cremos e andamos com Ele, será o direito de comer do fruto da árvore da vida e entrar “na cidade pelos portões” (Ap 22:14).

CONVITE

Embora a ciência tenha desenvolvido formas de prolongar a vida e existam propostas para acabar com as injustiças sociais, nenhuma delas se compara com o que Deus nos prometeu. Convido você a orar constantemente para que essa certeza nunca se apague em nosso coração, e assim um dia entremos na nova Jerusalém e vivamos com o Senhor para sempre.

BIOGRAFIA DE **CARLOS OLIVARES**

Carlos Olivares é um pastor chileno que atualmente trabalha como professor de Novo Testamento no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC). Ele tem doutorado em Teologia, e é autor e editor de vários artigos e livros. É casado com Karina, com quem tem um filho chamado Martín.



Igreja Adventista
do Sétimo Dia[®]